

Homenagem do autor

COSTA-SACADURA

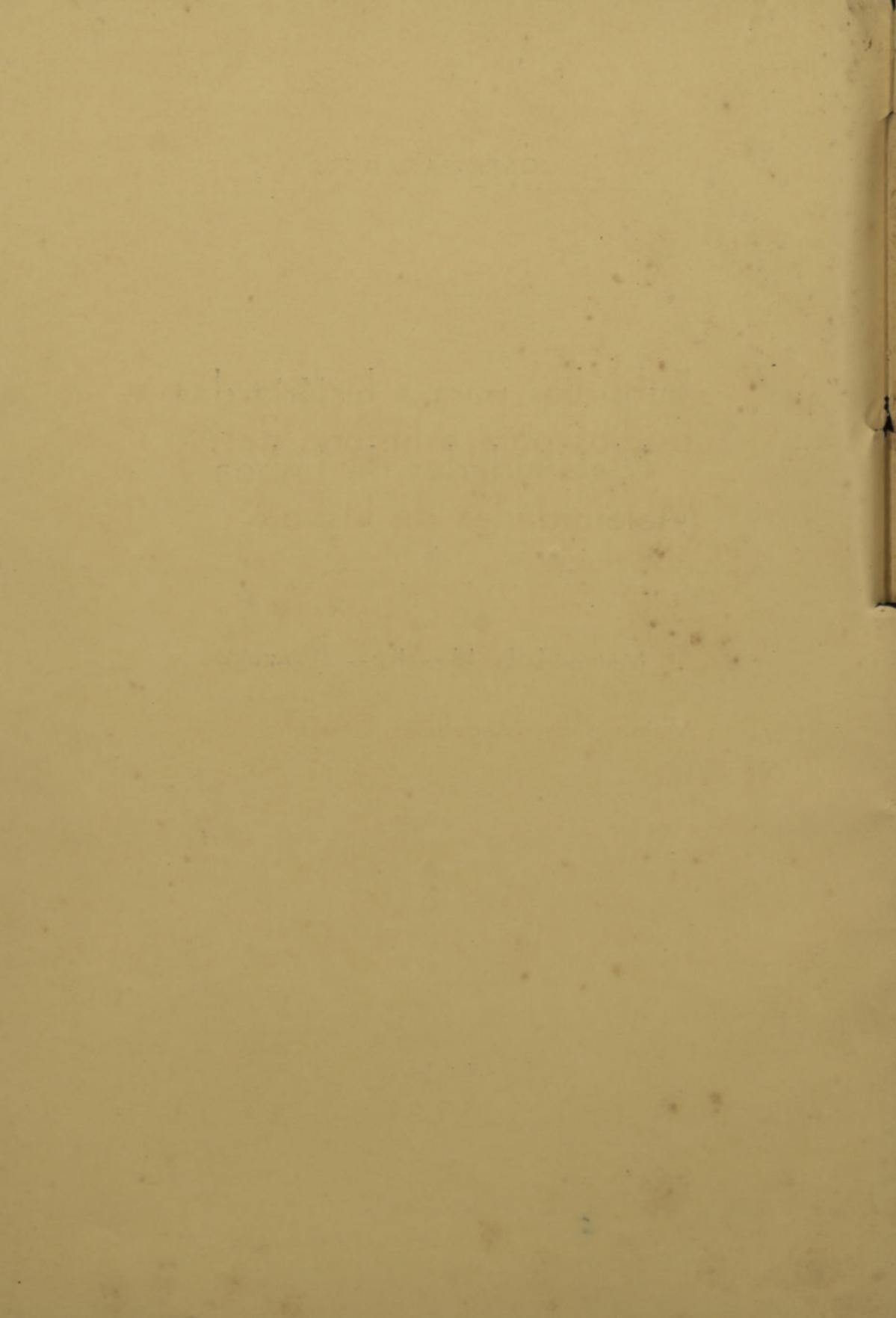
Subsídios para a história das
Maternidades de Lisboa



Maternidade Magalhães Coutinho



Lisboa
1936



Subsídios para a história das
Maternidades de Lisboa



Maternidade Magalhães Coutinho

COSTA-SACADURA

Subsídios para a história das
Maternidades de Lisboa



Maternidade Magalhães Coutinho



INSTITUTO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

RC
MNCT
618
SAC

Lisboa
1936

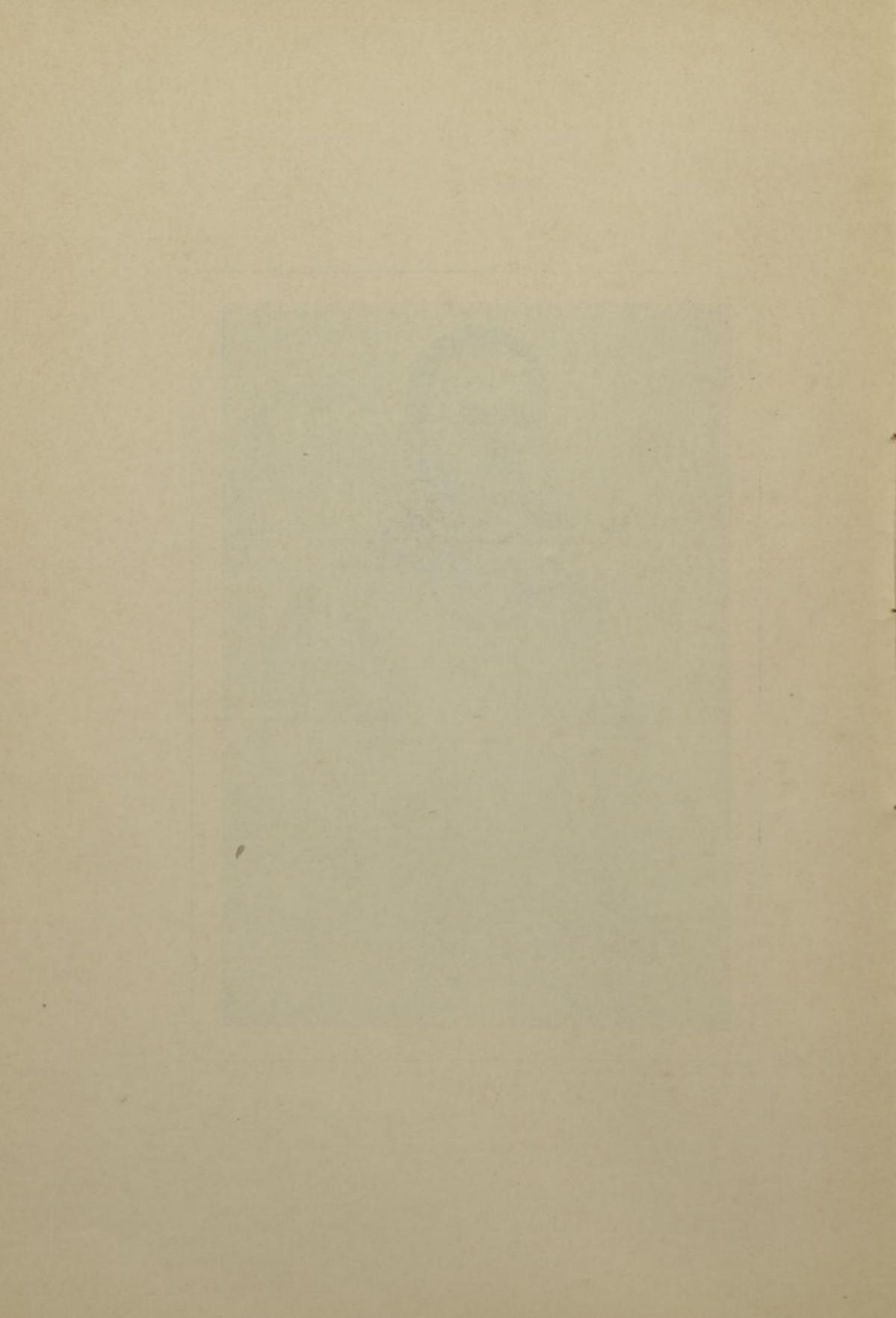
AO PROFESSOR DOUTOR CUSTODIO CABEÇA

Mestre pelo Saber e pelo Character

Ofereço êste meu trabalho como
testemunho de apreço pelas raras
qualidades que o exornam e em
prova de estima incomensurável



Wm. J. Hunt



I

MAGALHÃES COUTINHO

O sábio e o professor

Está por escrever em Portugal a história tão interessante e sugestiva das suas Maternidades, para a qual, aliás, não escasseiam elementos. São raros os trabalhos da especialidade isoladamente aproveitados até hoje por um ou outro colega cultor das letras (e não faltam êles na classe médica, honra lhe seja) furtando horas fugidias de prazer espiritual ao exaustivo da profissão, sem outro incentivo que não seja o da própria satisfação da sua ância de estudo e outra recompensa que não traduza o desprezo do Estado e a indiferença do público.

Assim, êsses trabalhos teem arrancado à ingratidão do presente e ao olvido do futuro a vida e a obra de tantos e tantos eminentes portugueses, cultores da ciência médica, constituindo dispersos mas valiosos subsídios para uma *História da Medicina em Portugal*.

Largo, vasto e elucidativo capítulo dessa História seria o que se referisse à obra especial de protecção e defesa da mulher grávida, cujo início podemos fixar no ano já longínquo de 1775. Destruído pelo terramoto de 1755 o que dois incêndios anteriores tinham poupado ao velho Hospital Real de Todos-os-Santos, para o Hospital Real de S. José, instalado no magnífico edificio do Colégio de Santo Antão, a Casa principal dos Jesuitas que lhes fôra confiscada com todos os outros bens quando da execução do decreto pombalino que para além-fronteiras os expulsara, se mudaram em 3 de Abril de 1775 os enfermos a que o arrazado edificio e os abarracamentos que o substituíram já não podiam dar agasalho e tratamento.

Aproveitou-se então o ensejo para instalar, entre as enfermarias para mulheres, no terceiro andar do enorme casarão, uma,

especialmente destinada a tratamento de paridas ou pejudas, que teve o número 18 e ficou sob a invocação de Santa Barbara, ao uso religioso da época.

Seria também a aula de partos essa enfermaria, que Francisco Ignácio dos Santos Cruz no tomo segundo do seu *Ensaio sobre a Topographia Medica de Lisboa*, a págs. 224, assim elucidaivamente descreve:

... He a enfermaria das paridas, ou que estão pejudas; he hũa casa mui comprida e estreita, de aboboda, semelhante a hum corredor; está no interior do edificio; os lados mais compridos não tem janellas, e olhão em relação ao edificio para o Norte e para o Sul, os menores para Leste, e para Oeste, para onde tem hũa janella mui grande, e pela parte de Leste, aonde está a enfermaria de partos, pegada á enfermaria de S. Roque. Tem 26 camas arrumadas á jace do Norte, e na da frente desta tem somente 8 camas em direcção contraria, pois não cabem de outro modo, e no extremo do Nascente tem outras oito; todas arranjadas da mesma maneira; tem hũa enfermeira, 3 ajudantas, 2 parteiras e hũa extraordinaria.

Foi mais tarde esta enfermaria mudada para o último andar do edificio, onde ainda hoje está instalada, com cêrca de 55 camas.

Vem desde já a talho de foice o referir que desde a citada data de 3 de abril de 1775 até à instalação do Serviço de "Magalhães Coutinho" (Novembro de 1927) havia apenas aquêlê reduzido número de camas (45 a 55) para grávidas ou parturientes, não contando a mais reduzida cifra de leitos para abôrtos ou puérperas infectadas no chamado *Depósito*, antro ascoroso e repelente de tristíssima memória.

Era tudo e era pouco.

Mas naquela data feliz de 1927 abria a enfermaria de "Magalhães Coutinho" com 80 camas, e em Fevereiro de 1931 a Maternidade invocativa daquêlê grande nome com 132 camas, assim distribuídas:

Secções	Lotação regular	Lotação máxima
Grávidas	30	31
Abôrtos e puerperas febris	50	60
Parturientes e puerperas normais	28	30
Operadas	4	6
Creanças acompanhando as Mães	8	15
Total	106	132

Desde logo se verificou a insuficiência da totalidade dos leitos para as parturientes que acorriam à Maternidade a socorrer-se dos seus valiosos préstimos.

E no entanto, durante 152 anos, 50 camas tinham bastado!

Há, porém, mais: em 5 de Dezembro de 1932 abre as suas portas a Maternidade Alfredo da Costa com 250 camas para grávidas e parturientes, que logo são ocupadas. A que atribuir tamanha afluência?

Quando outras razões não fôsse lícito invocar, bastaria acentuar as dificuldades crescentes da vida e, sobretudo, o desaparecimento de uma natural repugnância pela hospitalização em face da acentuada melhoria das instalações hospitalares.

*

* *

Como aos hospitais e ao ensino, às Maternidades e ao campo científico a que elas se prendem, grandes e ilustres nomes andam ligados, felizmente em hora oportuna de tardia justiça, inscritos hoje alguns no pórtico de tão úteis estabelecimentos de largo e vasto alcance social.

De modo que, ao escrever sôbre as Maternidades de Lisboa, no intuito de deixarmos registada, ainda que resumidamente, a sua acção eminentemente humanitária, a penna veneradamente esbarra de comêço com a evocação dessas grandes figuras de sábios obstetricistas, obrigando-se necessariamente a referir-se-lhes antes que à obra que perpetua e glorifica seus nomes ilustres entre os mais ilustres.

Carreando neste trabalho subsídios para a história das Maternidades portuguesas, iniciando-a lógicamente pela mais antiga, a de «Magalhães Coutinho», gostosamente se nos impõe o

dever de prestar homenagem ao eminente cirurgião, de quem Manuel Bento de Sousa, num discurso proferido na Sociedade das Ciências Médicas, guardando as diferenças entre uma novela e uma operação cirúrgica, comparou a cirurgia à obra literária de Garrett...

Foi, de facto, José Eduardo de Magalhães Coutinho, cirurgião do Hospital de S. José ⁽¹⁾ e professor de Partos da extinta Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, ⁽²⁾ um homem de transcendentales faculdades, glória da cirurgia e da obstetrícia portuguesas, notável nas letras, profundo latinista e helenista, orador, artista e escritor brilhante, tantas vezes demonstrando nos seus trabalhos científicos e literários que «não fazem mal as Musas aos doutores» e reciprocamente os doutores às Musas...

*

* *

Nasceu em Évora, em 24 de Outubro de 1815, este grande português, filho de um distinto oficial de infantaria, José Bernardo Magalhães Coutinho, que os acontecimentos políticos de 1828 afastaram do exército e atiraram para Lisboa, onde pouco depois era preso por desafecto ao absolutismo.

O professor régio de língua grega António Maria do Couto em sua casa acolheu o abandonado estudante, admitindo-o às suas aulas, onde com aplicação cursou o latim, o francês, o grego, lógica e retórica.

Corriam ameaçadores aqueles tempos de ódios e perseguições políticas, iminente a guerra civil, e por isso mesmo adversos a preocupações de estudos, tanto mais que o Governo procedia a um rigoroso recrutamento da gente moça para o serviço obrigatório das fileiras. Magalhães Coutinho atingira a idade

(1) Nomeado cirurgião extraordinário em 2 de Junho de 1856; ajudante de cirurgião do Banco em 1857.

(2) Nomeado demonstrador da secção cirúrgica em 14 de Janeiro de 1845; substituto da mesma secção em 13 de Dezembro do mesmo ano; lente e proprietário da 6.^a cadeira em 6 de Agosto de 1850. Jubilou-se em 3 de Julho de 1875.

própria — 18 anos. A sua vocação para a carreira das armas era nula. Para mais, muito iria o seu alistamento contrariar as crenças liberais de seu pai, que suas também eram.

Foi ainda o velho e bondoso professor quem o aconselhou a matricular-se na Régia Escola de Cirurgia, visto que assim poderia libertar-se da farda, entusiasmando-o com a apologia da profissão médica, tão cheia de sacrifícios, mas tão bela de compensações morais. Depois, estaria sempre a tempo de trocar a carreira pela de direito, que ao jôvem estudante mais seduzia, dado que o contacto com a vida hospitalar lhe repugnasse e as leituras de Hipócrates e Galeno o enfestassem.

Na Escola de Cirurgia se matriculou, pois, Magalhães Coutinho, freqüentando a aula de anatomia em 1831 e a de matéria médica em 1832.

No dia histórico de 24 de Julho de 1833, em que se proclamou em Lisboa, com a legitimidade da Rainha D. Maria II, o restabelecimento do regimen constitucional, pôde finalmente o jôvem estudante vêr reunida a seu lado tôda a sua família, que tanto sofrera com os rigores do partido miguelista, e desta feita assentar praça, mas como voluntário, correndo com tôda a mocidade académica a alistar-se nos batalhões que então se organizavam para a defeza da Carta e da Rainha.

Breve, porém, foi a sua nova carreira militar, com a necessária interrupção dos estudos. O cirurgião-mór Lourenço Félix Sardinha requisitava-o para o ajudar, no Hospital da Estrela, de que era director, no tratamento dos feridos, investindo o terceiranista de medicina nas funções de enfermeiro, em que, como sempre, demonstrou a maior dedicação, zêlo, intelligência e amor ao estudo.

Bem profícua devia ter sido esta forçada prática ao aspirante a médico, que só três anos depois, em 1836, concluia o seu curso.

No ano seguinte, o conflito entre as forças que o marechal Saldanha comandava e as do conde do Bomfim dava aso às suas primeiras intervenções cirúrgicas e revelava a sua perícia em tão difíceis trabalhos.

Nos fins de 37 habilitava-se para concorrer aos lugares do magistério da Escola, explicava anatomia e freqüentava os cursos

de química, botânica, física e zoologia. Em 1840 desempenhava o lugar de cirurgião-mór do segundo batalhão de Voluntários do Comércio e, em 1847, entrava para o corpo docente da Escola Médico-Cirúrgica

Daqui em diante a sua carreira, cheia de brilho e dedicação, póde assim resumir-se:

Em Junho de 1856 é nomeado cirurgião extraordinário do Hospital de S. José e no ano seguinte ajudante do cirurgião do Banco. Presta relevantes serviços nos hospitais por ocasião de uma investida epidémica de cólera-morbus e febre amarela, e exerce assídua clínica no Hospital do Destêrro.

Director da Escola Médica, rege de uma maneira superior a cadeira de obstetrícia.

É o primeiro, em Portugal, a fazer a aplicação do clorofórmio nos partos, o segundo a praticar a lithotricia (1857), operação pela primeira vez realizada entre nós, vinte anos antes, pelo cirurgião João José Pereira. É ainda o primeiro a operar um doente anestesiado pela amylena (1857). E sóbra-lhe ainda tempo para se consagrar à política.

Eleito deputado em 1853, entra em tôdas as seguintes legislaturas até 1856. Da sua passagem pela Câmara ficou uma memorável proposta para a reforma das escolas médico-cirúrgicas, dando aos alunos privilégios e títulos iguais aos da Universidade de Coimbra.

Exerceu também por algum tempo as funções de director geral da Instrução Pública e de vogal do Conselho Superior do mesmo ramo de serviços públicos.

Da sua bibliografia destacaremos:

Algumas considerações sôbre a demência e o idiotismo, tese, 1847; o citado projecto de lei que o *Jornal da Sociedade de Ciências Médicas* publicou no seu tomo XIII; *Discurso recitado na abertura da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 9 de Janeiro de 1858*; *Discurso do Presidente da Sociedade das Ciências Médicas, proferido na sessão de 17 de Fevereiro de 1859* (publicado no *Archivo Universal*, tomo I, 1859, n.º 15); *Mezes de gestação*; uma *nota* na versão dos *Fastos* de Ovidio traduzidos por Castilho, (tomo II, págs. 237).

Fundou o *Zacuto Lusitano*, jornal semanal de medicina e

ciências acessórias (1849-1850) onde deixou vasta e preciosa colaboração, bem como no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, onde publicou preciosos estudos e memórias.

Da sua vida e da sua obra se ocuparam largamente: Serrano, (1) Manuel Bento de Sousa, (2) Mota, (3) Silva Amado, (4) Betencourt Pita, (5) Fragoso Tavares, (6) Sabino Coelho, (7) sabendo, melhor do que nós, dizer o que foi êsse vulto de omnímoda sabedoria, patentear a sua obra eminente de cirurgião e de parteiro.

*
* *
*

Como professor, ficou memorável o curso de operações que regeu no ano lectivo de 1847-48, como memoráveis ficaram as suas lições noutras cadeiras — a de Partos e a de Patologia Interna e História Médica, e do mesmo modo a sua acção na Sociedade das Ciências Médicas e na Academia Real das Ciências, no Parlamento e na Imprensa.

Devem-se-lhe valiosísimos e indescritíveis serviços, não só na regência da cadeira de Obstetrícia como na direcção da enfermaria de partos do Hospital de S. José.

(1) — J. A. Serrano: *O professor Arantes*. Discurso lido em 19 de Janeiro de 1898, na sessão inaugural do busto de bronze erecto a expensas do conselho catedrático da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, seguido de documentos e notas. *Jornal da S. S. M. L.*, 1898, págs. 3.

(2) — Manuel Bento de Sousa: *Discurso na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa em 12 de Novembro de 1852, na sessão de homenagem a António Maria Barbosa*. *Jornal da S. S. M. L.*, 1898, págs. 255.

(3) — Eduardo Mota: *Discurso pronunciado na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa em 25 de Junho de 1898 na sessão consagrada à memória de José Eduardo Magalhães Coutinho*. *Jornal da S. S. M. L.*, 1898, págs. 171.

(4) — Silva Amado: *Discurso sobre o professor Magalhães Coutinho*. *Jornal da S. S. M. L.*, 1895, págs. 8.

(5) — Betencourt Pita: *Discurso sobre o professor Magalhães Coutinho*. *Jornal da S. S. M. L.*, págs. 8.

(6) — Fragoso Tavares: *Magalhães Coutinho. A Medicina Contemporânea*, 1895, págs. 171.

(7) — Sabino Coelho: *Magalhães Coutinho e Luiz Mercado*. *Archivo de Medicina Legal*, Vol. I, 1.º ano, n.ºs 3 e 4, Julho e Outubro de 1922, págs. 297.

Provido em 1850 naquela cadeira (1) imprime a esta ciência côres que fascinam, empresta-lhe um ambiente que atrai, expondo de uma forma clara, com elegância, sem pretenciosismos ou arrebiques, e logo realiza o ambicioso anhelos de um professor — a conquista da mais franca simpatia dos seus alunos, graças à sua apresentação insinuante, aos seus olhos faiscantes e à sua fisionomia animada «seduzindo e despertando os espíritos mais frios e insensíveis». E assim, breve se torna o idolo dos estudantes, que o veneram, o respeitam, o admiram e nele depositam a máxima confiança.

Aquí, como na cirurgia geral, onde já se revelára o cirurgião, Magalhães Coutinho evidencia-se um parteiro eminente. Era seu o «monopólio da clínica obstétrica». A sua fama transpõe os humbrais difíceis do Paço. E é nomeado cirurgião-parteiro da Rainha Maria Pia, que por êle tinha a maior estima.

Na *Gazeta Medica de Lisboa* publica as observações colhidas na enfermaria da Escola, realizadas com a aplicação dos agentes anestésicos no trabalho do parto. (2)

Animavam-o as tentativas de Dubois, Simpson e outros, e o bom resultado que Camara Sinval obtivera cloroformisando durante o parto natural. (3)

Acreditava já então que «a anestesia podia prestar à mãe importantes serviços».

Faz a história clínica de um caso de eclâmpsia no termo natural da gravidez, (4) descreve uma bacia oblíqua oval, pertença do gabinete de partos da Escola, indicando as respectivas medidas. (5)

(1) Decreto de 6 de Agosto de 1850.

(2) M. Coutinho: — «*Aplicação do chloroformio durante o acto do parto*». Loc. cit. — Tomo V. — N.º 117, de 1 de Nov. de 1857, págs. 328.

(3) Camara Sinval: — «*Aplicação do chloroformio em uma parturição instrumental. Primeiro caso em Portugal*». — *Gazeta Medica do Porto*. N.º 155, de 15 de Junho de 1848, págs. 81.

(4) M. Coutinho: — «*Eclâmpsia no termo natural da gravidez*». *Gaz. Med. de Lisboa*, Tomo 4.º, N.º 91, de 1 de Outubro de 1856, págs. 293.

(5) M. Coutinho: — «*Medidas de uma bacia oblíqua oval (Pelvis oblíqua ovata — Naegele)*». *Gaz. Med. de Lisboa*, Tomo 5.º, N.º 104, de 16 de Outubro de 1857, págs. 118.

E tanto no *Jornal das Sciências Médicas* como no *Zacuto Lusitano* de que foi fundador, ⁽¹⁾ em que tão alto e tão dignamente hasteou a bandeira da crítica e no qual também colaborou um outro parteiro distinto — Mazarem, como ainda na *Gazeta Médica de Lisboa*, Magalhães Coutinho espargiu pròdigamente o seu formoso talento, quer em memoráveis lições de medicina operatória, quer na exposição e comentação inteligente e lúcida de casos clínicos, ou em humorísticos e sarcásticos folhetins, alguns anónimos, outros assinados com pseudónimos, que tão desairosamente serviriam de arma aos seus adversários para mesquinhas vinganças. ⁽²⁾

(1) O primeiro número do *Zacuto Lusitano* appareceu em 20 de Janeiro de 1849.

(2) A lista das suas publicações mais importantes está registada a págs. 217 do volume de 1898 do *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*.

II

O HOMEM

Um nobre carácter e um

grande coração

Porque ninguém mais do que êle desprezasse a vaidade e soubesse ter em maior culto a verdade, homem de espírito e de coração, amigo íntimo do austero Herculano, o primeiro médico da Real Câmara e Bibliotecário-Mór do Reino, com residência no Palácio da Ajuda, tratando por tu o Rei D. Luiz, tinha sempre a resposta pronta, acerado o dito a propósito, e o coração aberto para acudir aos pobres e desgraçados, deixando da sua vida profissional e da sua elevada categoria moral as mais saborosas anedotas correntes na tradição oral ou recolhidas pelos seus panegiristas na hora suprema do seu trespassse.

Como o rude solitário de Vale de Lobos, tanto desprezava honrarias que guardava as suas numerosas condecorações e veneras na sapateira do seu guarda-fato, de mistura com o calçado e chinelas do seu uso.

Íntimo do Rei, e para mais médico do Paço, recusava-se uma noite a acudir a uma chamada da Rainha, aconselhando serenamente ao familiar que transmitira o recado que dissesse a Sua Magestade que já estava deitado.

E justificava a recusa ao amigo com quem no momento mantinha animada conversa sôbre assuntos literários, com esta, até certo ponto, lógica explicação :

— Esta senhora não tem pejo de chamar o médico para um achaquesinho de cacaracá. Não estou para maçadas !

Não se furtava, porém, às mais rudes fadigas quando se tratava de acudir a um infeliz, êste *democrata palaciano*, como tão bem o definiu o illustre escritor Henrique Lopes de Mendonça ao tracejar-lhe o perfil em dois interessantes folhetins que publicou no *Comércio do Porto*.

Assim o conta o folhetinista, que o conheceu de perto, exemplificando a sua bondade e ao mesmo tempo a sua alta noção da deontologia profissional:

“Já reformado, repousava uma tarde Magalhães Coutinho, depois do jantar que em sua casa se servia cêdo, quando lhe apareceu o genro a pedir-lhe, da parte de um fidalgo conceituado na côrte, que fôsse assistir à esposa dêste, em transe de maternidade. . . Mas o doutor só muito excepcionalmente e por considerações de amizade exercia já a êsse tempo a clínica particular. Foi por isso difficil vencer-lhe a relutância.

— “O marquês está lá em baixo na carruagem para o conduzir a casa — avisou o intermediário.

— “Bem! Dize-lhe que já lá vou! assentiu Magalhães Coutinho.

“Mudou de fato rapidamente, e embolsada a ferramenta cirúrgica foi descendo a escada.

“Mas nisto feriu-lhe os ouvidos um surdo reboliço, cortado de agudas exclamações. Provinha do vestibulo, para onde êle apressou a descida. Viu então uma mulher pobremente trajada, lenço resvalando sôbre as grenhas grisalhantes e desordenadas, a qual se debatia entre as mãos do criado, e a quem falavam, com gestos suasórios, seu genro e o marquês.

— “Que é? — perguntou em voz ríspida.

“Com um grito, a mulher desenhencilhou-se e correu para êle, carpindo:

— “Senhor doutor, acuda-nos pelo amor de Deus! A minha filha está à morte, com uma criança que não quer sahir. . .

— “Não quer? — atalhou o cirurgião. Pois há-de sahir por força, digo-lho eu.

“Voltou-se para o fidalgo, que o aguardava, e disse com a mais apurada cortezia:

— “Perdôe-me, senhor marquês. A senhora marqueza pode recorrer a qualquer dos meus colegas, à sua escolha. Esta desgraçada é que não tem senão a mim.

“E soerguendo a creatura meio prostrada, concluiu:

— “Vamos d’ahi, mulhersinha!

“Só noite velha regressou a casa, extenuado por uma

operação difícil. Mas não se deitou sem recomendar que se levasse algum alimento e roupas à parturiente, a quem salvara da morte.”

Outro exemplo ainda da nobre noção do dever dêste homem e dêste sábio, cuja vida lança orgulhoso reflexo sôbre a ciência médica portuguesa, citado também pelo dramaturgo excelso da *Morta* e do *Afonso de Albuquerque*:

“Estava no auge do seu esplendor, pelo menos aparente, o Segundo Império Francez, quando os reis de Portugal fizeram uma visita a Napoleão III. Foram hospedados nas Tulherias com a sua comitiva, entre a qual figurava Magalhães Coutinho.

“Não há elementos para averiguar se é verdadeira a tradição de ter sido o exímio cirurgião portuguez quem salvara n’essa conjuntura a Imperatriz Eugenia de uma grave doença que lhe punha em risco a vida. Mas essa tradição tem persistido tenazmente entre os familiares do Paço, e ao caso se atribuem as altas distinções que essa viagem fez entornar sobre o peito de Magalhães Coutinho.

“O que é certo é que, pouco depois da chegada da família real a Paris, veio às mãos do Rei um telegrama annunciando a aparição da febre amarela em Elvas.

“Logo D. Luiz mostrou ao seu médico o aziago despacho.

— “Que havemos de fazer? — perguntou.

— “As malas — foi a lacónica resposta.

“E como o Rei se mostrasse perplexo, o grande cirurgião explanou:

— “Vossa Magestade vae cumprir o seu dever de Rei, acompanhando e defendendo os seus subditos na provação que lhes está iminente. Eu cumprirei o meu, esforçando-me por salvar os epidemiados.

— “Tens razão! redarguiu resolutamente o soberano.

“E foi d’ali comunicar á Rainha a sua resolução.

“D. Maria Pia mandou imediatamente chamar o conselheiro:

— “Foi o Magalhães quem aconselhou El-Rei a partir para Portugal? — indagou ela.

— “Sim, minha senhora.

“A Rainha teve um gesto de enfado. E inquiriu:

— “E se Sua Magestade morrer?

— “Se morrer, tem o seu lugar no Pantheon de S. Vicente.

Mas o seu funeral ha-de ser escoltado por um povo em lágrimas.”

III

O FIM

Páginas lancinantes

Homenagem tardia

Paremos aqui...

Confrange-se-nos de dôr o coração ao relembrar que em 13 de Janeiro de 1895 Magalhães Coutinho morreu velho, pobre, doente, ingratamente esquecido, autentica glória da cirurgia e da obstetricia portuguesa, sendo o seu cadáver humildemente sepultado num obscuro coval do cemitério da Ajuda com o reduzido acompanhamento, até à derradeira morada, de alguns, poucos, professores da Escola, dois ou três estudantes e alguns amigos.

Vinte e cinco anos volvidos sôbre o seu desaparecimento, as filhas dêste homem, de quem Manuel Bento de Sousa escreveu que foi tão grande na medicina como Garrett e Herculano nas letras e Saldanha nas armas, perdida com o advento da República uma pensão de cem escudos mensais do Paço e a sua residência, desciam de um pobre quarto da Rua Saraiva de Carvalho onde habitavam, a empenhar o seu piano, dadaiva do Rei D. Luiz, músico também, em preito de admiração pelas suas extraordinárias qualidades de *virtuoses* do mais difícil dos instrumentos, e a vender por uns míseros duzentos escudos um precioso guarda-joias incrustado de pérolas oferecido a seu pai pela Imperatriz Eugénia, e, o que é pior, a recorrer à caridade pública através do *Diário de Notícias* onde, sob a confrangedora epígrafe — *Miséria*... — uma subscrição foi aberta em seu favor.

Acudia-lhes já a Assistência Pública com uma insuficiente mesada de 20.000 reis e o Governo Civil com outra de doze...

Lastimou o dr. Eduardo Mota, em panegirico que recitou na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (1), que a memória

(1) — Eduardo Motta: Loc. Cit.

de tão grande homem não fôsse perpetuada sequer por uma lápide comemorativa aposta no seu coval, apenas encimado por tosca cruz de pinho. E nutria a esperança de ainda vêr um dia convertida em facto a ideia que, ao tempo pairava no espírito de alguns raros médicos, de se lhe erguer, por subscrição, mausoleu condigno. Não contava com a ingratição e o esquecimento dos homens! Nem mausoleu, nem mesmo singela lápide, Magalhães Coutinho lhes mereceu!

Mas... parte da dívida foi paga um dia: à Maternidade, criada no Hospital de S. José em 9 de Julho de 1918, foi dado o nome de Magalhães Coutinho, como pálido preito de homenagem a «essa pujante cabeça de pensador e erudito» — no dizer de um outro luminar da Ciência, o professor Serrano (1) — como simples tributo à memória do obstetricista, que durante cinco lustros regeu a cadeira de partos na Escola de Lisboa, com tanto talento e tanta proficiência.

(1) — J. A. Serrano: Loc. cit.

IV

A MATERNIDADE MAGALHÃES COUTINHO

Das mansardas do Hospital
de S José ao edifício do
antigo Hospital dos Lazaros.



Numas mansardas do Hospital de S. José se encontrava pèssimamente instalada, desde Novembro de 1927, o Serviço n.º 7 dos Hospitais Cíveis de Lisboa, destinado a grávidas e puérperas, criado por decreto de 9 de Julho de 1918. Acentue-se desde já que, a-pesar de creado por lei em 1919, só nove anos mais tarde logrou a instalação naquelas míseras águas-furtadas, sem ar e sem luz, fornos crematórios no verão e autênticas geleiras no inverno. Parece que a um novo serviço desta importância se devia dar instalação, senão perfeita, ao menos que não desmerecesse das vizinhas, mas tal não sucedeu. Ao passo que nas três enfermarias mais próximas se faziam obras custosas, quási de luxo, de maneira a torná-las dignas de serem visitadas, o malogrado Serviço n.º 7 passou a funcionar num esconso sob os telhados, anteriormente aproveitadô para a Escola de Enfermagem.

E contudo, mais do que qualquer outro, um serviço de obstetrícia, funcionando com actividade noite e dia, num movimento constante de parturientes que levam horas e dias a despachar-se, com gritos e impaciencias que incomodam, perturbam e esgotam o pessoal, reclamando intervenções urgentes e imprevisas a deshoras, além de outras muitas coisas, tem exigências especiaes.

Previendo que não podia contar com providências officiaes para uma pronta e rápida adaptação desta água furtada ao serviço cuja direcção me fôra confiada, com os meus colaboradores elaborei um plano de melhoramentos e obras, abrimos uma subscrição entre as pessoas nossas amigas, e lançamos mãos à obra. Podemos afirmar sem falsas modéstias ou receio de desmentido que fizemos verdadeiros milagres de adaptação.

Na Sala do Trabalho do Parto rasgaram-se os esconsos e aí se instalaram, de certo modo artístico, lavatórios, tinas, mesas, quadros pretos, etc.

A Sala de Operações melhorou-se, arranjando-se uma sala de desinfecção e esterilização.

Adaptaram-se pequenas dependências a gabinetes, para o Director, assistentes e internos, transformando os esconsos em armários para uma biblioteca privativa organizada à custa do pessoal superior da enfermaria, com armários para os ficheiros, arquivos, vestiários, etc.

Nos quartos particulares instalaram-se lavatórios, vestiários e retretes privativas. Arranjou-se um quarto para a parteira de serviço. Melhorou-se o quarto da enfermeira-chefe, com um lavatório e vestiário. Alargou-se a consulta externa, melhorou-se a sua iluminação e adaptou-se ao fim a que se destinava.

Vários esconsos se rasgaram para armários, arrecadações, etc. Uma cosinha adaptou-se a Museu que breve se enriqueceu com alguns exemplares e fotografias dignas de aprêço. Nas enfermarias, para as tornar menos frias e para lhes tirar quanto possível o aspecto desagradável de trapeiras, vedaram-se com portas envidraçadas os desvãos das janelas.

Ainda sob o ponto de vista educativo e decorativo, collocaram-se quadros artísticos, devidamente encaixilhados, na sala de espera, nas enfermarias e outras dependências.

A par disto, ainda com os que trabalhavam neste serviço sob a minha direcção, iniciamos uma publicação onde reunimos em volume vários trabalhos científicos realizados, editada por conta de todos.

E todas as obras acima expostas foram pagas por uma subscrição aberta por mim e pelos meus assistentes: Fernando de Freitas Simões, Joaquim Fontes e interno D. Pedro da Cunha, cujo rendimento assim se descremina:

D. Pedro da Cunha	2.100\$00
Joaquim Fontes	2.000\$00
Fernando de Freitas Simões	4.000\$00
Costa-Sacadura	45.955\$65
As obras importaram em	54.055\$65.

Tal era e tal foi a Enfermaria Magalhães Coutinho, do Hospital de S. José, sucessora do antigo Serviço n.º 7, até Fevereiro de 1931, data em que foi transferida para a rua 20 de Abril, para o edifício onde estava instalada a Escola Profissional de Enfermagem, por inteligente e oportuna deliberação do sr. Coronel João Nepomuceno de Freitas, Enfermeiro-Mór dos Hospitais Cíveis de Lisboa, que assim quiz dar aos estabelecimentos de assistência que dirige um organismo cuja necessidade muito se fazia sentir — uma autêntica Maternidade.

A homenagem á memória veneranda do Professor Magalhães Coutinho começava a honrar o nome ilustre que perpetuava, honrando-se a si própria...

Tinhamos, pois, creada a primeira Maternidade portuguesa. (1)

Nela se instalou um *serviço interno* de hospitalização de grávidas puerperas e crianças e um *serviço externo* (consulta externa, tratamentos, agentes físicos, laboratório, etc.).

Presta-se o edifício a uma distribuição racional dos serviços. Assim no seu corpo interior instalou-se uma sala de recepção de doentes com uma sala de observação e outra de limpeza com respectivo balneário. Desapareceu a sala de partos em comum, de tantos inconvenientes, e foi substituída por quartos separados, individuais, onde se realiza o parto, havendo uma secção séptica no rez-do-chão e outra aséptica no 1.º andar. Na sala de recepção faz-se a distribuição das doentes pelas diferentes secções: ginecologia, abortos, puerperas e parturientes.

Há quartos particulares, decentemente mobilados, para receber pensionistas.

Há uma boa sala de operações, sala de esterilizações, refeitório, sala de lavagem e pesagem das crianças, quartos de isolamento, jardim de inverno e jardim ao ar livre para grávidas, etc.

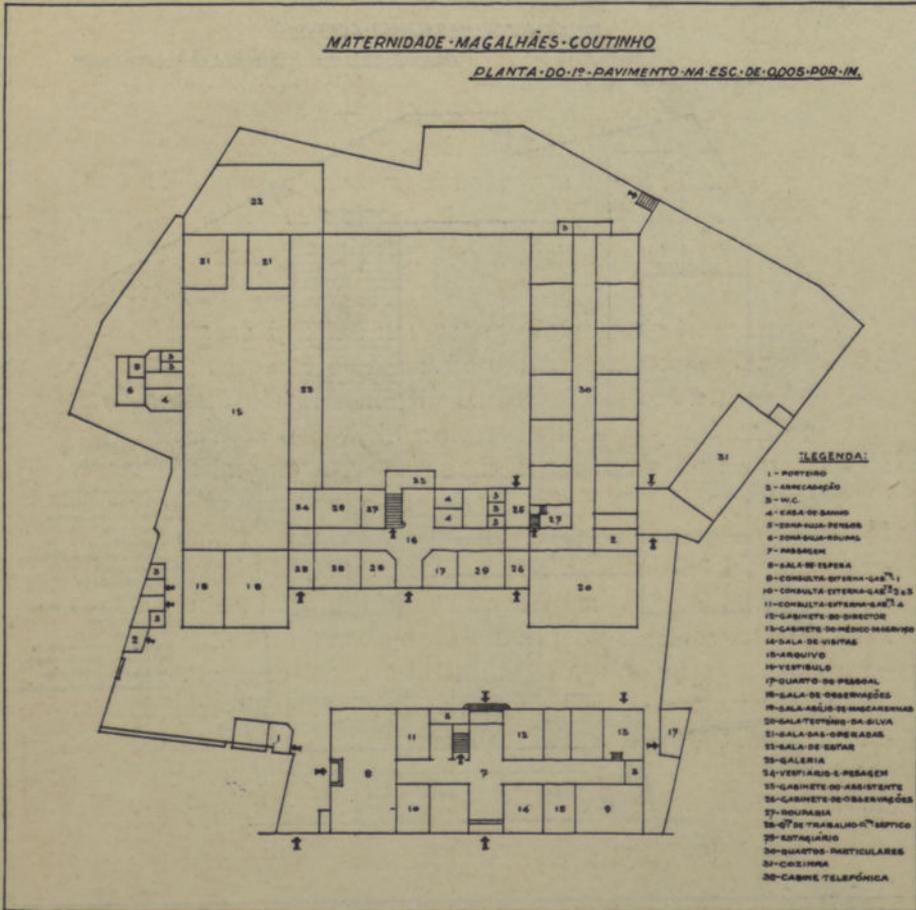
(1) Costa-Sacadura — *Subsídios para a história do serviço de partos em Santa Barbara* (Em preparação).



Maternidade Magalhães Coutinho. Fachada do edifício

Esta obra que nos não envergonha é carinhosamente protegida pela Associação do Enxoval do Recemnacido que se incumbem de distribuir um enxoval a cada recémnacido.

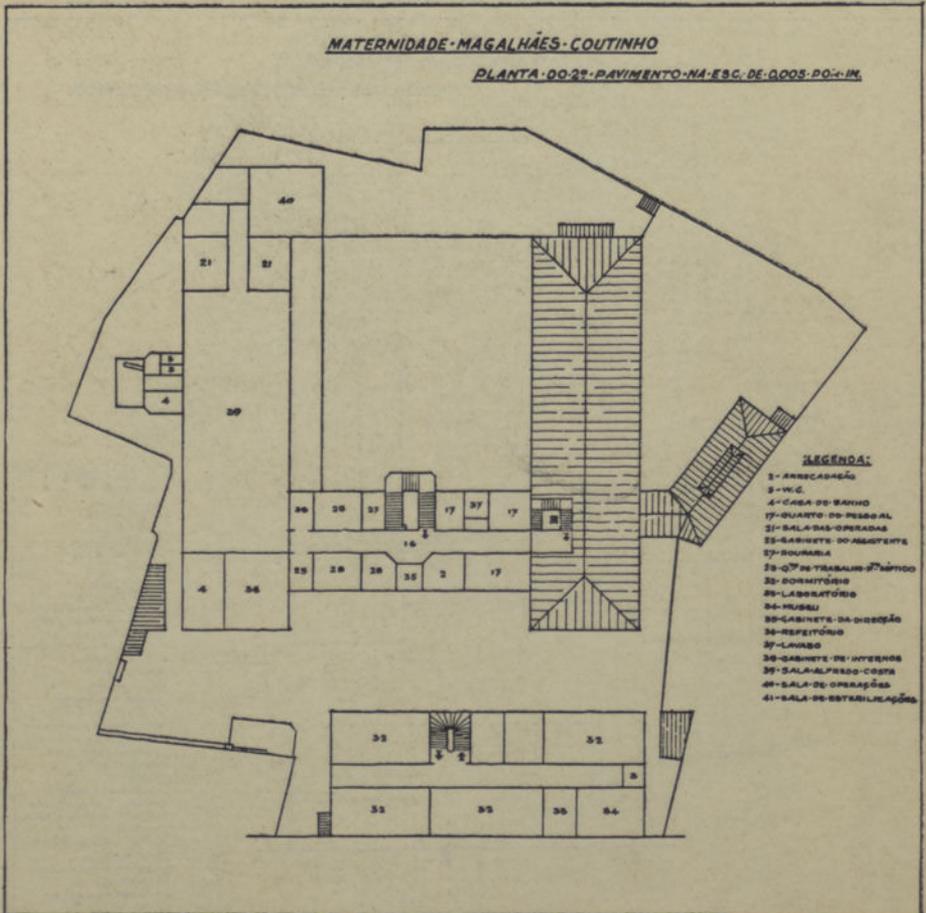
As salas das enfermarias são alegres, claras, cheias de sol, com quadros nas paredes alegóricos da natividade, e cartazes



com conselhos e preceitos de higiene prática.

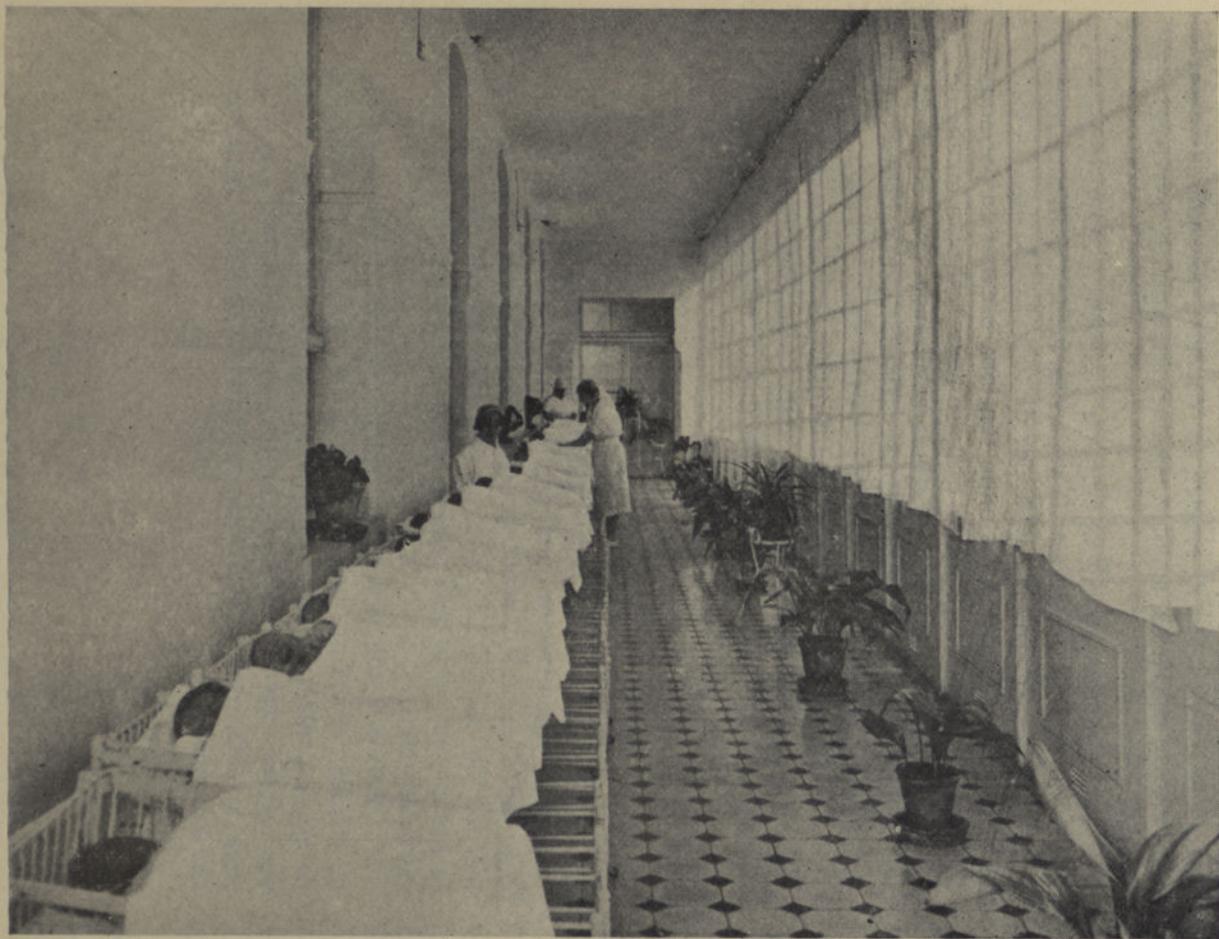
Há, além disso, galerias envidraçadas onde estão os berços com os recémnacidos, que são levados junto das mães só às horas regulamentares da amamentação.

No corpo exterior do edifício instalaram-se as consultas externas para mulheres grávidas recebendo as consulentes conselhos de preceitos higiênicos e sendo a marcha da sua gravidez seguida e acompanhada atentamente até serem oportunamente internadas.



A finalidade desta consulta é, não sómente de assistência à mãe, mas muito particularmente ao filho, vigiando-o no seu período pré-natal, preparando-o para o acto do seu nascimento, e, ainda, acompanhando-o na consulta de recém-nascidos.

De igual modo funcionam as consultas para recém-nascidos



Maternidade Magalhães Coutinho — Galeria envidraçada onde repousam os recém-nascidos

e puerperas, ginecologia, amas e um dispensário anti-sifilítico para mães e filhos, etc. O serviço de consultas tem um gabinete de inscrição, vestiários, arquivo, sala de observações, e três gabinetes de tratamento.

Há uma sala de espera ampla e higiênica, e além do gabinete do director e duma sala de visitas há ainda instalações para o interno de serviço. No 1.º andar dêste corpo do edificio está instalada uma sala de cursos onde funciona o curso de parteiras da Faculdade de Medicina e onde se tem realizado cursos de enfermagem e conferências. É ainda neste andar que está instalada a biblioteca, museu, laboratório, sala de agentes físicos com diatermia, Raios ultra-violeta e Raios infra-vermelhos etc.

Esta secção tem sido sempre dirigida desinteressadamente pela assistente voluntária a Snr.^a D. Maria-Leão. O interno contratado, Dr. Cabral Sacadura, tem colaborado em todas as secções.

*

* *

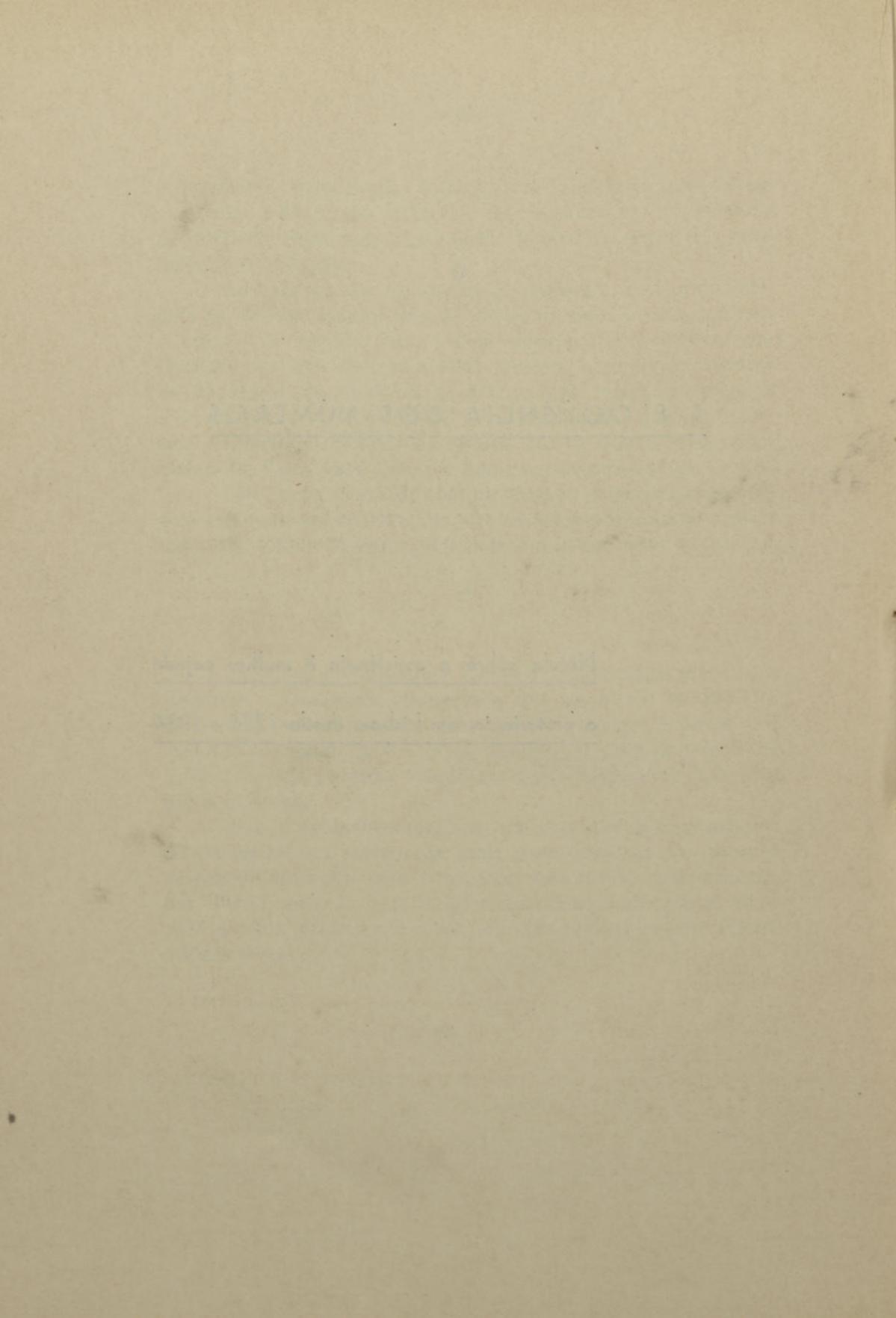
Tal é, em rápida síntese, a obra da Maternidade Magalhães Coutinho, solenemente inaugurada em Fevereiro de 1931 no local onde existiu o velho Hospital de S. Lazaro, fundado por meados do século XIV a cargo dos hospitaleiros da Ordem de S. Lazaro, cuja principal missão era acudir e socorrer os desgraçados leprosos.

Sob a égide veneranda de um dos mais ilustres cultores da ciência médica portuguesa, onde havia gritos de dôr, pavores de inferno antes das mais lancinantes torturas da mais horrenda das mortes, ouve-se hoje o choro das crianças abrindo os olhos para a Vida, precedendo o seu primeiro sorriso no côlo amorável das mães...

V

A ELOQUÊNCIA DOS NÚMEROS

Nótula sôbre a assistência à mulher pejada
e parturiente, em Lisboa, desde 1775 a 1934



São sempre proveitosas as lições da história, e não pode negar-se que para a cultura de um ramo da ciência seja para desprezar o conhecimento da sua evolução. Diremos pois duas palavras e faremos algumas referências históricas sobre as instalações destinadas a hospitalização das mulheres pejudas e parturientes em Lisboa, única cidade e terra de Portugal em que havia até há pouco apenas um pequeno esboço de assistência à mulher grávida.

Oiçamos assim o relato de livros antigos:

«No dia 3 de Abril de 1775 e nos dois dias seguintes foram transferidos para o magnífico edifício do Colégio de Santo Antão, a principal Casa dos Jesuítas que tinham sido expulsos e a quem foram confiscados os bens, os doentes do Hospital de Todos-os-Santos destruído por um incêndio e um terramoto.

«Este hospital, em memória do Monarca que lhe destinou tão amplo e grandioso edifício, dignificou-se com o nome do mesmo Rei denominando-se Real de S. José.

«No pavimento inferior, rente do chão, estavam as enfermarias pertencentes a Cirurgia, enfermaria dos doidos e tinosos com o seu quintal e casa de banhos, assim como as aulas de Cirurgia, Casa de instrumentos cirúrgicos e das preparações anatómicas.

«No segundo pavimento se encontravam enfermarias de Medicina Cirúrgica, Convalescentes, Quartos Particulares, Livraria e Enfermaria de Parturientes.

«Das nove enfermarias destinadas a mulheres, e numeradas de 14 a 22, a n.º 18, denominada de Santa Bárbara é destinada a paridas.»

Mais, tarde, em época que não pude determinar, foi esta enfermaria transferida para o andar superior do edifício do Hospital de S. José, onde ainda hoje se conserva, com cêrca de 50 camas.

Foi nestas instalações modestas que os grandes Mestres Rocha Mazarem, Teotónio, Abílio de Mascarenhas e Alfredo da Costa prepararam os seus trabalhos que, publicados, ainda hoje nos servem de lições e estímulo.

*

* *

Curiosíssima é a estatística do serviço de partos da velha enfermaria de Santa Bárbara, desde 1792 a 1919, que uma paciência beneditina e o labor de muitas noites me consentiu organizar, e que neste ponto tem lógico cabimento e bem merece do registo que nestas páginas se lhe dá.

HOSPITAL DE S. JOSÉ

Movimento da população enferma da enfermaria de Santa Barbara nos anos económicos de 1792-1793 a 1918-1919

Anos económicos	Existiam em 1 de Julho	Entraram		Sairam			Ficaram existindo em 30 de Junho	Existência média diária	Mortalidade sobre 100 doentes tratadas	Dias de tratamento	Doentes tratadas	Demora média de cada doente
		Por admisão	Por trans-ferencia	Com alta	Trans-feridas	Fale-cidas						
1792-1793	—	94	—	69	—	6	19	18,85	6,38	4.185	94	44,52
1793-1794	19	174	—	147	—	4	22	22,90	2,07	8.360	193	43,31
1794-1795	22	174	—	176	—	5	15	22,68	2,55	8.279	196	42,24
1795-1796	15	188	—	176	—	8	19	26,96	3,94	9.866	203	48,60
1796-1797	19	164	—	167	—	1	15	24,11	0,55	8.798	183	48,08
1797-1798	15	175	—	160	—	7	23	23,42	3,68	8.571	190	45,11
1798-1799	23	155	—	155	—	4	19	19,42	2,25	7.087	178	39,82
1799-1800	19	169	—	159	—	2	27	21,57	1,06	7.893	188	41,98
1800-1801	27	179	—	177	—	4	25	21,74	1,94	7.955	206	38,62
1801-1802	25	174	—	166	—	3	30	23,06	1,50	8.418	199	42,30
1802-1803	30	163	—	166	—	2	25	20,86	1,03	7.616	193	39,46
1803-1804	25	150	—	166	—	2	15	21,60	1,14	7.907	175	45,18
1804-1805	15	188	—	180	—	—	23	23,37	—	8.530	203	42,02
1805-1806	23	170	—	180	—	5	22	23,73	2,59	8.662	193	44,88
1806-1807	22	138	—	166	—	2	26	25,81	1,25	9.423	160	58,89
1807-1808	26	207	—	132	—	2	30	32,83	0,85	12.017	233	51,57
1808-1809	30	175	—	201	—	2	30	26,87	1,46	9.810	205	47,85
1809-1810	31	182	—	171	—	3	31	26,87	0,46	10.390	213	48,77
1810-1811	27	175	—	185	—	1	27	28,46	0,46	10.390	202	49,94
1811-1812	21	140	—	174	—	7	21	27,64	3,46	10.089	161	55,70
1812-1813	24	189	—	190	—	7	24	24,50	4,34	8.969	161	55,70
1813-1814	22	161	—	185	—	6	22	28,71	2,81	10.482	213	49,21
1814-1815	28	162	—	149	—	6	28	26,92	3,27	9.826	183	53,69
1815-1816	30	140	—	156	—	4	30	28,94	2,10	10.565	190	55,60
1816-1817	38	171	—	164	—	7	38	31,91	4,11	11.680	170	68,70
1817-1818	39	164	—	125	—	6	39	34,74	2,87	12.683	209	60,68
1818-1819	32	189	—	164	—	10	32	33,99	4,92	12.409	203	61,12
1819-1820	35	179	—	161	—	5	35	34,64	2,26	12.643	221	57,20
1820-1821	31	183	—	181	—	6	31	37,77	2,80	13.827	214	64,61
1821-1822	37	174	—	177	—	9	37	35,47	4,20	12.949	214	60,50
1822-1823	34	201	—	168	—	6	34	34,86	2,84	12.726	211	60,31
1823-1824	26	219	—	171	—	13	26	33,29	5,53	12.153	235	51,71
1824-1825	55	245	—	196	—	7	35	34,03	2,85	12.455	245	50,83
				203	—	11	43	38,42	3,92	14.024	280	50,08
				226	—							
1825-1826	43	214	—	208	—	10	39	39,82	3,89	14.535	257	56,55
1826-1827	39	181	—	165	—	18	37	36,40	8,18	13.287	220	60,39
1827-1828	37	201	—	193	—	9	36	34,08	3,84	12.473	238	52,40
1828-1829	36	203	—	206	—	6	27	33,23	2,51	12.130	239	50,75
1329-1830	27	224	—	211	—	7	33	33,62	2,78	12.272	251	48,89
1830-1831	33	202	—	211	—	1	23	30,47	0,42	11.124	235	47,33
1831-1832	23	218	—	212	—	5	24	25,55	2,07	9.354	241	38,81
1832-1833	24	236	—	231	—	13	16	25,82	5,00	9.423	260	36,24
1833-1834	16	172	—	171	—	3	14	19,06	1,59	6.956	188	37,00
1834-1835	14	178	—	175	—	1	16	17,86	0,52	6.521	192	33,96
1835-1836	16	241	—	224	—	1	32	22,15	0,39	8.108	257	31,55
1836-1837	32	231	—	230	—	6	27	26,95	2,28	9.838	263	37,40
1837-1838	27	218	—	215	—	5	25	22,71	2,04	8.291	245	33,84
1838-1839	25	191	—	189	—	2	25	22,03	0,92	8.040	216	37,22
1839-1840	25	202	—	198	—	4	25	24,75	1,76	9.059	227	39,90
1840-1841	25	248	—	240	—	6	27	30,74	2,20	11.221	273	41,10
1841-1842	27	269	—	264	—	10	22	33,12	3,38	12.089	296	40,84
1842-1843	22	269	—	255	—	9	27	33,83	3,09	12.349	291	42,43
1843-1844	27	268	—	254	—	4	37	38,56	1,35	14.115	295	47,84
1844-1845	37	273	—	273	—	4	33	38,48	1,29	14.048	310	45,31
1845-1846	33	281	—	283	—	5	26	30,60	1,59	11.169	314	35,57
1846-1847	26	357	—	327	—	9	47	40,06	2,35	14.623	383	38,18
1847-1848	47	324	—	345	—	3	23	34,41	0,81	12.593	371	33,94
1848-1849	23	307	—	287	—	19	24	26,81	5,75	9.786	330	29,65
1849-1850	24	279	—	279	—	6	18	25,23	1,98	9.208	303	30,39
1850-1851	18	292	—	282	—	5	23	22,85	1,61	8.340	310	26,90
1851-1852	23	285	—	273	—	12	23	30,40	3,89	11.126	308	36,12
1852-1853	23	244	2	234	10	6	19	24,98	2,23	9.118	269	33,89
1853-1854	19	301	1	283	10	2	26	28,40	0,62	10.366	321	32,29
1854-1855	26	368	—	350	12	3	29	33,64	0,76	12.281	394	31,17
1855-1856	29	476	1	448	11	7	40	36,62	1,38	13.404	506	26,49
1856-1857	40	586	—	537	33	13	38	48,63	2,11	17.752	626	28,35
1857-1858	38	549	1	551	10	4	23	47,80	0,68	17.449	588	29,67
1858-1859	23	673	4	638	34	7	21	47,05	1,	17.175	700	24,50
1859-1860	21	757	1	694	43	7	35	45,32	0,89	16.586	779	21,29
1860-1861	35	801	1	751	42	10	34	55,95	1,18	20.424	837	24,40
1861-1862	34	719	1	682	20	16	36	47,21	2,12	17.232	754	22,85
1862-1863	36	410	—	418	10	6	12	20,23	1,34	7.385	446	16,56
1863-1864	12	334	—	324	5	3	14	15,83	0,86	5.796	346	17,34
1864-1865	14	401	—	380	14	4	17	22,37	0,96	8.167	415	19,67
1865-1866	17	308	2	281	37	3	6	16,44	0,91	6.000	327	18,34
1866-1867	6	387	—	331	29	3	30	19,30	0,76	7.047	393	17,93
1867-1868	30	368	2	308	54	9	29	18,53	2,25	6.781	400	16,95
1868-1869	29	379	—	356	9	8	35	33,74	1,96	12.317	408	30,18
1869-1870	35	382	—	364	20	7	26	32,78	1,68	11.967	417	28,69

1825-1826	43	214	—	208	—	10	39	39,82	3,89	14.535	257	56,55
1826-1827	39	181	—	165	—	18	37	36,40	8,18	13.287	220	60,39
1827-1828	37	201	—	193	—	9	36	34,08	3,84	12.473	238	52,40
1828-1829	36	203	—	206	—	6	27	33,23	2,51	12.130	239	50,75
1329-1830	27	224	—	211	—	7	33	33,62	2,78	12.272	251	48,89
1830-1831	33	202	—	211	—	1	23	30,47	0,42	11.124	235	47,33
1831-1832	23	218	—	212	—	5	24	25,55	2,07	9.354	241	38,81
1832-1833	24	236	—	231	—	13	16	25,82	5,00	9.423	260	36,24
1833-1834	16	172	—	171	—	3	14	19,06	1,59	6.956	188	37,00
1834-1835	14	178	—	175	—	1	16	17,86	0,52	6.521	192	33,96
1835-1836	16	241	—	224	—	1	32	22,15	0,39	8.108	257	31,55
1836-1837	32	231	—	230	—	6	27	26,95	2,28	9.838	263	37,40
1837-1838	27	218	—	215	—	5	25	22,71	2,04	8.291	245	33,84
1838-1839	25	191	—	189	—	2	25	22,03	0,92	8.040	216	37,22
1839-1840	25	202	—	198	—	4	25	24,75	1,76	9.059	227	39,90
1840-1841	25	248	—	240	—	6	27	30,74	2,20	11.221	273	41,10
1841-1842	27	269	—	264	—	10	22	33,12	3,38	12.089	296	40,84
1842-1843	22	269	—	255	—	9	27	33,33	3,09	12.349	291	42,43
1843-1844	27	268	—	254	—	4	37	38,56	1,35	14.115	295	47,84
1844-1845	37	273	—	273	—	4	33	38,48	1,29	14.048	310	45,31
1845-1846	33	281	—	283	—	5	26	30,60	1,59	11.169	314	35,57
1846-1847	26	357	—	327	—	9	47	40,06	2,35	14.623	383	38,18
1847-1848	47	324	—	345	—	3	23	34,41	0,81	12.593	371	33,94
1848-1849	23	307	—	287	—	19	24	26,81	5,75	9.786	330	29,65
1849-1850	24	279	—	279	—	6	18	25,23	1,98	9.208	303	30,39
1850-1851	18	292	—	282	—	5	23	22,85	1,61	8.340	310	26,90
1851-1852	23	285	—	273	—	12	23	30,40	3,89	11.126	308	36,12
1852-1853	23	244	2	234	10	6	19	24,98	2,23	9.118	269	33,89
1853-1854	19	301	1	283	10	2	26	28,40	0,62	10.366	321	32,29
1854-1855	26	368	—	350	12	3	29	33,64	0,76	12.281	394	31,17
1855-1856	29	476	1	448	11	7	40	36,62	1,38	13.404	506	26,49
1856-1857	40	586	—	537	33	13	38	48,63	2,11	17.752	626	28,35
1857-1858	38	549	1	551	10	4	23	47,80	0,68	17.449	588	29,67
1858-1859	23	673	4	638	34	7	21	47,05	1,	17.175	700	24,50
1859-1860	21	757	1	694	43	7	35	45,32	0,89	16.586	779	21,29
1860-1861	35	801	1	751	42	10	34	55,95	1,18	20.424	837	24,40
1861-1862	34	719	1	682	20	16	36	47,21	2,12	17.232	754	22,85
1862-1863	36	410	—	418	10	6	12	20,23	1,34	7.385	446	16,56
1863-1864	12	334	—	324	5	3	14	15,83	0,86	5.796	346	17,34
1864-1865	14	401	—	380	14	4	17	22,37	0,96	8.167	415	19,67
1865-1866	17	308	2	281	37	3	6	16,44	0,91	6.000	327	18,34
1866-1867	6	387	—	331	29	3	30	19,30	0,76	7.047	393	17,93
1867-1868	30	368	2	308	54	9	29	18,53	2,25	6.781	400	16,95
1868-1869	29	379	—	356	9	8	35	33,74	1,96	12.317	408	30,18
1869-1870	35	382	—	364	20	7	26	32,78	1,68	11.967	417	28,69

Anos e econômicos	Existiam em 1 de Julho	Entraram		Sairam			Ficaram existindo em 30 de Junho	Existência média diária	Mortalidade sobre 100 doentes tratadas	Dias de tratamento	Doentes tratadas	Demora média de cada doente
		Por admisão	Por transferência	Com alta	Transferidas	Falecidas						
1870-1871	26	388	—	370	8	7	29	32,14	1,69	11.732	414	28,34
1871-1872	29	350	—	345	10	6	18	32,15	1,58	11.766	379	31,04
1872-1873	18	306	—	285	16	4	19	23,73	1,23	8.663	324	26,73
1873-1874	19	345	—	306	22	7	29	26,89	1,92	9.816	364	26,96
1874-1875	29	343	—	327	10	7	28	40,45	1,88	14.765	372	39,69
1875-1876	28	310	—	273	19	9	37	38,16	2,66	13.966	338	41,32
1876-1877	37	349	—	327	8	6	45	43,03	1,55	15.708	386	40,69
1877-1878	46	344	4	325	24	2	42	45,12	0,51	16.472	393	41,91
1878-1879	42	417	1	401	24	1	34	46,93	0,22	17.132	460	37,24
1879-1880	34	418	4	390	23	3	40	44,47	0,66	16.277	456	35,69
1880-1881	40	445	2	410	21	4	52	45,09	0,82	16.458	487	33,97
1881-1882	52	484	1	464	20	3	50	55,57	0,56	20.284	537	37,77
1882-1883	50	497	2	450	30	2	67	64,02	0,36	23.368	549	42,56
1883-1884	67	518	2	480	39	—	68	70,12	—	25.664	587	43,72
1884-1885	68	526	3	487	25	5	80	68,35	0,84	24.949	597	41,97
1885-1886	80	520	—	477	30	9	84	67,69	1,50	24.707	600	67,69
1886-1887	84	539	1	496	40	10	78	78,06	1,60	28.493	624	45,66
1887-1888	78	564	5	507	66	11	63	74,14	1,70	27.146	647	41,97
1888-1889	63	589	1	492	90	9	62	71,07	1,37	25.943	653	39,72
1889-1890	62	589	5	477	117	1	61	67,68	0,15	24.704	656	37,65
1890-1891	61	623	—	437	194	3	50	55,43	0,44	20.232	684	29,57
1891-1892	50	708	38	542	208	2	44	51,77	0,25	18.951	796	23,80
1892-1893	44	680	30	579	139	7	29	44,75	0,92	16.335	754	21,66
1893-1894	29	725	39	609	134	10	40	53,31	1,26	19.459	793	24,53
1894-1895	40	791	58	622	219	7	41	54,80	0,78	20.003	889	22,27
1895-1896	41	734	102	605	231	4	37	57,13	0,45	20.910	877	23,84
1896-1897	37	744	95	537	283	2	54	57,06	0,22	20.829	876	23,77
1897-1898	54	774	117	641	238	8	58	57,30	0,84	20.913	945	22,13
1898-1899	58	850	96	779	162	14	49	59,22	1,39	21.617	1.004	21,53
1899-1900	49	896	54	835	100	7	60	50,11	0,69	18.287	1.002	18,25
1900-1901	60	777	208	875	96	10	64	58,16	0,95	21.232	1.045	20,31
1901-1902	64	466	444	866	50	12	46	50,94	1,23	18.594	974	19,08
1902-1903	46	534	371	852	31	17	51	50,47	1,78	18.422	951	19,37
1903-1904	51	493	378	837	30	12	43	53,27	1,30	19.497	922	21,14
1904-1905	43	495	360	823	16	13	46	53,65	1,44	19.583	898	21,80
1905-1906	46	529	335	813	22	20	55	56,96	2,19	20.788	910	22,84
1906-1907	55	534	375	861	55	7	41	52,80	0,72	19.272	964	19,99
1907-1908	41	545	408	882	35	23	54	51,01	2,31	18.672	994	18,78
1908-1909	54	606	361	891	64	16	50	54,02	1,56	19.719	1.021	19,31
1909-1910	50	579	411	922	53	16	49	53,93	1,53	19.686	1.040	18,92
1910-1911	49	571	447	931	57	21	58	54,24	1,96	19.801	1.067	18,55
1911-1912	58	596	405	927	58	19	55	56,61	1,79	20.718	1.059	19,62
1912-1913	55	611	335	885	37	24	55	53,45	2,39	19.511	1.001	19,49
1913-1914	55	562	403	900	69	14	37	46,36	1,37	16.920	1.020	16,58
1914-1915	37	623	370	904	65	11	50	48,68	1,06	17.771	1.030	17,25
1915-1916	50	587	323	841	47	22	50	45,79	2,29	16.759	960	17,45
1916-1917	50	669	271	869	58	22	41	44,92	2,22	16.397	990	16,56
1917-1918	41	581	242	774	37	12	41	40,54	1,38	14.797	864	17,12
1918-1919	41	491	174	622	35	14	35	32,32	1,98	11.798	706	16,71

1903-1904	51	493	378	837	30	12	43	53,27	1,30	19.497	922	21,14
1904-1905	43	495	360	823	16	13	46	53,65	1,44	19.583	898	21,80
1905-1906	46	529	335	813	22	20	55	56,96	2,19	20.788	910	22,84
1906-1907	55	534	375	861	55	7	41	52,80	0,72	19.272	964	19,99
1907-1908	41	545	408	882	35	23	54	51,01	2,31	18.672	994	18,78
1908-1909	54	606	361	891	64	16	50	54,02	1,56	19.719	1.021	19,31
1909-1910	50	579	411	922	53	16	49	53,93	1,53	19.686	1.040	18,92
1910-1911	49	571	447	931	57	21	58	54,24	1,96	19.801	1.067	18,55
1911-1912	58	596	405	927	58	19	55	56,61	1,79	20.718	1.059	19,62
1912-1913	55	611	335	885	37	24	55	53,45	2,39	19.511	1.001	19,49
1913-1914	55	562	403	900	69	14	37	46,36	1,37	16.920	1.020	16,58
1914-1915	37	623	370	904	65	11	50	48,68	1,06	17.771	1.030	17,25
1915-1916	50	587	323	841	47	22	50	45,79	2,29	16.759	960	17,45
1916-1917	50	669	271	869	58	22	41	44,92	2,22	16.397	990	16,56
1917-1918	41	581	242	774	37	12	41	40,54	1,38	14.797	864	17,12
1918-1919	41	491	174	622	35	14	35	32,32	1,98	11.798	706	16,71

Particularmente elucidativo e interessante seria o registo nestas páginas de uma estatística completa e perfeita sobre o movimento de internadas na Maternidade Magalhães Coutinho, desde a sua abertura até hoje. A eloquência dos números é irrefutável. Infelizmente, porém, tal trabalho não foi possível realizá-lo. Dependente dos hospitais civis, a Maternidade Magalhães Coutinho não tem serviços administrativos próprios. Sem pessoal especialmente adstricto aos complexos trabalhos de estatística, só com enormes dificuldades me foi possível organizar um indispensável arquivo com ficheiros próprios, desde a inauguração do estabelecimento, serviço que pouco a pouco tenho melhorado.

Assim mesmo, com pessoal à minha custa remunerado, consegui organizar um album com cinqüenta e cinco mapas e gráficos que ponho à disposição dos estudiosos que o dêsem consultar, atenta a impossibilidade de, por carência de verba, aqui inteiramente o reproduzir, limitando-me a dêle extrair e publicar por agora alguns mapas e números que mais interessantes se me afiguram. O seguinte índice sumário dêsse album é bem explícito sobre o que de interessante pôde oferecer à atenção dos que a êstes assuntos se dedicam:

Pág. 1	(Mapa)	Movimento da população enferma no ano económico de 1927-1928.
Pág. 2	(Mapa)	Movimento da população enferma no ano económico de 1928-1929.
Pág. 3	(Mapa)	Movimento da população enferma no ano económico de 1929-1930.
Pág. 4	(Mapa)	Movimento da população enferma no ano económico de 1930-1931.
Pág. 5	(Mapa)	Movimento da população enferma no ano económico de 1931-1932.
Pág. 6	(Mapa)	Movimento da população enferma no ano económico de 1932-1933.
Pág. 7	(Mapa)	Resumo do movimento da população enferma nos anos económicos de 1927-28 e 1932-33.
Pág. 8	(Gráfico)	Diagrama de superfície, representativo do movimento da população enferma, em referência a entradas, saídas totais, saídas com alta, saídas por transferência, e falecimentos nos anos económicos de 1927-28 a 1932-33.
Pág. 9	(Gráfico)	Diagrama de superfície, representativo do movimento mensal de doentes tratadas, 1928-29-1932-33.

- Pág. 10 (Gráfico) Diagrama de superfície, respeitante a dias de tratamento, nos anos económicos de 1928-29 a 1932-33.
- Pág. 11 (Gráfico) Representação gráfica do número de dias de tratamento e doentes tratadas nos anos económicos 1928-29 a 1932-33.
- Pág. 12 (Gráfico) Representação gráfica da demora média de cada doente nos diferentes serviços hospitalares (secção cirúrgica) nos anos económicos de 1929-30 a 1932-33.
- Pág. 13 (Gráfico) Representação gráfica da percentagem da mortalidade com referência a doentes tratadas nos anos económicos de 1928-29 a 1932-33.
- Pág. 14 (Gráfico) Representação gráfica da percentagem anual da mortalidade com referência a doentes tratadas nos anos económicos de 1928-29 a 1932-33.
- Pág. 15 (Mapa) Movimento dos serviços de Obstetria de Janeiro a Junho de 1931.
- Pág. 16 (Mapa) Movimento dos serviços de Obstetria no ano económico de 1931-1932.
- Pág. 17 (Mapa) Movimento de serviço de Obstetria no ano económico de 1932-1933.
- Pág. 18 (Gráfico) Diagrama de superfície, representativo do movimento dos Serviços de Obstetria nos meses decorridos de Janeiro de 1931 a Junho de 1933.
- Pág. 19 (Gráfico) Representação gráfica do número de crianças nascidas, no total e por sexos, e número de nado-mortos e nado-vivos no ano económico de 1932-33.
- Pág. 20 (Gráfico) Representação gráfica do número de crianças nascidas no total e por sexos, e número de nado-mortos e nado-vivos no ano económico de 1931-32.
- Pág. 21 (Gráfico) Representação gráfica da percentagem de nado-mortos, em relação aos nascimentos, nos meses que decorrem de Janeiro de 1931 a Junho de 1933.
- Pág. 22 (Mapa) Movimento de Consulta Externa em 1931-32 a 1932-33.
- Pág. 23 (Mapa) Número de partos em relação à idade da grávida, no ano económico de 1929-1930.
- Pág. 24 (Mapa) Número de partos em relação à idade da grávida, no ano económico de 1930-1931.
- Pág. 25 (Mapa) Número de partos em relação à idade da grávida no ano económico de 1931-1932.
- Pág. 25 (Mapa) Número de partos em relação à idade da grávida no ano económico de 1932-1933.
- Pág. 27 (Mapa) Resumo do número de partos em relação à idade da grávida nos anos económicos de 1929-30 a 1932-33.
- Pág. 28 (Gráfico) Representação gráfica do número de partos, em relação à idade da grávida, nos anos económicos de 1929-30 e 1930-31.

- Pag. 29 . (Gráfico) Representação gráfica do número de partos, em relação à idade da grávida, [nos anos económicos de 1931-32 e 1932-33.
- Pag. 30 (Gráfico) Representação gráfica do número mensal e anual de partos, nos anos económicos de 1929-30 a 1932-33.
- Pag. 31 (Mapa) Partos a termo e partos prematuros nos anos económicos de 1929-30 a 1932-33.
- Pag. 32 (Mapa) Número de abortos, agrupados por idade de gravidez, nos anos económicos de 1929-30, 1930-31.
- Pag. 33 (Mapa) Número de abortos, agrupados por idade de gravidez, nos anos económicos de 1931-32, 1932-33.
- Pag. 34 (Gráfico) Diagrama de superfície representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, no ano económico de 1929-1930.
- Pag. 35 (Gráfico) Diagrama da superfície representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, no ano económico de 1930-1931.
- Pag. 36 (Gráfico) Diagrama de superfície representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, no ano económico de 1931-1932.
- Pag. 37 (Gráfico) Diagrama de superfície representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, no ano económico de 1932-33.
- Pag. 38 (Gráfico) Diagrama de superfície, representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, nos anos económicos de 1929-30 a 1932-33.
- Pag. 39 (Gráfico) Meses em que se deram maior número de partos e abortos, no período decorrido de Julho de 1928 a Junho de 1933.
- Pag. 40 (Gráfico) Diagrama comparativo de partos e abortos, 1929-30, 1930-31, 1931-32, 1932-33.
- Pag. 41 (Gráfico) Representação gráfica do número de partos, em relação à idade da grávida, nos anos económicos de 1929-30 e 1930-31.
- Pag. 42 (Gráfico) Representação gráfica do número de partos, em relação à idade de grávidez, nos anos económicos de 1931-32, e 1932-33.
- Pag. 43 (Gráfico) Meses em que se deram maior número de partos e abortos, no período decorrido de Julho de 1928 a Junho de 1933.
- Pag. 44 (Gráfico) Diagrama de superfície representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, no ano económico de 1929-1930.
- Pag. 45 (Gráfico) Diagrama de superfície representativo do número de

		abortos, agrupados por idade de gravidez no ano económico de 1930-1931.
Pag. 46	(Gráfico)	Diagrama de superfície representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, no ano económico de 1931-1932.
Pag. 47	(Gráfico)	Diagrama de superfície representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, no ano económico de 1932-1933.
Pag. 48	(Gráfico)	Diagrama de superfície, representativo do número de abortos, agrupados por idade de gravidez, nos anos económicos de 1921-30 a 1931-33.
Pag. 49	(Mapa)	Mapa de despesa total, despesa média por dia de tratamento e despesa média por doente tratado, nos anos económicos de 1930-31 a 1931-32.
Pag. 50	(Mapa)	Receita referente a venda de senhas de visita e donativos.
Pag. 51	(Gráfico)	Diagrama de superfície representativo de despesa média diária por doente nesta Maternidade, nos anos económicos de 1930-31 a 1931-32.
Pag. 52	(Gráfico)	Mapa comparativo de despesa média diária por doente, nos diferentes serviços hospitalares (secção cirúrgica) no ano económico de 1931-1932.

Outros números não menos interessantes encontramos no trabalho de Alfredo da Costa *Quelques renseignements sur la Maternité provisoire de Lisbonne* (1906) e também nas cifras do *Boletim de Estatística Médica do Hospital de S. José*, oferecendo ainda mais completo elemento de estudo os *Dados estatísticos do Serviço de Obstetrícia e Puericultura da Maternidade Dr. Alfredo da Costa*, relativos a 1933, por mim elaborados.

A «Estatística Economica» de 1932-1933 — publicada pela Direcção Geral dos Hospitais Cíveis (e não são demais os louvores que merece o Snr. Enfermeiro-Mór coronel João Nepomuceno de Freitas por essa publicação, que pena é não se fazer anualmente por muito dispendiosa) merece também ser consultada.

Nesta «Estatística Economica» ocupa a Maternidade Magalhães Coutinho um lugar muito honroso.

No movimento da população enferma só se lhe avanteja a enfermaria do Banco e o Serviço 2 do Hospital Curry Cabral.

Na demora média, tem o número 4, na escala ascendente, em 33 serviços, e na mortalidade tem igualmente o número 4. O outro serviço de partos instalado nos hospitais tem nos dois ca-

pítulos o número 2, mas lembre-se que não se recebem aí mulheres infectadas e quando, nêsse serviço, alguma mulher internada manifesta uma infecção há o direito de a transferir para Magalhães Coutinho.

A demora média de cada doente é 17, ao passo que no outro serviço de partos é de 15,08, mas nêste, repito, não há infectadas.

O custo da enfermagem, da alimentação das empregadas, da alimentação da doente, de artigos de penso, de roupa lavada, concertada e inutilisada e de artigos inutilizados, é inferior ao do outro serviço de partos, e ao passo que êste ocupa o 15.º lugar na escala ascendente da ordem de classificação na despesa, a Maternidade Magalhães Coutinho ocupa o lugar n.º 5.

*
* *
*

De todos estes números se conclue, em resumo, que desde 1755 a 1927 houve apenas na primeira cidade do país cêrca de 50 camas para a assistência à mulher pejada ou parturiente, numa enfermaria do Hospital de S. José, cuja direcção e orientação sempre esteve confiada aos mestres da Régia Escola de Cirurgia, Escola Médico-Cirúrgica e Faculdade de Medicina, mantendo-se ainda hoje a mesma orientação.

Em 1927 instalou-se o serviço de partos privativo dos hospitais (o de Magalhães Coutinho), aliás criado em 1918, primeiro numa mansarda do Hospital de S. José com 80 camas, transferido depois em Fevereiro de 1928—como já se disse—para o antigo Hospital de S. Lazaro, na rua 20 de Abril, em edificio próprio instalado, donde surgiu, como já vimos, a primeira Maternidade de Lisboa, dispondo de 132 camas.

Em Dezembro de 1932 abre as suas portas o magnifico edificio da Maternidade Dr. Alfredo da Costa com 300 camas, das quais 250 destinadas a Obstetrícia e 50 a Ginecologia.

Incontestavelmente deve-se registar esta revolução nos serviços de assistência obstétrica, poderosamente auxiliado pelo donativo de um grande benemérito já falecido.

Com efeito, desde 1775 até 1927 (152 anos!) havia cêrca

de 50 camas. Em 1927, acrescentam-se-lhes 132, e em 1932 mais 250. De 50 passa-se a 432.

De uma média de 900 mulheres assistidas por ano, passa-se a assistir a mais 2554 (1932-1933) em Magalhães Coutinho e mais 2293 na Maternidade Alfredo da Costa (1933). Quer dizer: de 900 mulheres assistidas por ano passa-se a 5757!

De todos os três serviços, o de Magalhães Coutinho é o que tem maior e mais variado movimento, merecendo estudar-se separadamente as características de cada um deles.

No serviço de Santa Barbara apenas se aceitam grávidas ou parturientes que não estejam infectadas.

Na Maternidade Alfredo da Costa só se admitem grávidas ou parturientes não infectadas.

Na Maternidade Magalhães Coutinho aceitam-se grávidas, parturientes ou puerperas, infectadas ou não, e abortos.

E detendo-nos rapidamente num ligeiro exame, é curioso verificar as variantes do tempo de tratamento das internadas, assim discriminadas:

40 a 60 dias, de 1792 a 1830.

30 a 40 dias, de 1830 a 1850.

20 a 30 dias, de 1850 até 1919.

A média do tempo de hospitalização na Maternidade Alfredo da Costa em 1933 é de 14,25. Na Maternidade Magalhães Coutinho, durante cinco anos é de 14,68, sendo de notar que nela se albergam as grandes infectadas.

*

*

*

Estudemos agora a assistência nas consultas externas para grávidas, puerperas e recém-nascidos.

Por mim foi criada a primeira numa dependência do Hospital de S. José, sem character official, e ali durante cinco anos funcionou com escassa freqüência já por ser pouco conhecida, já porque nesse tempo a gravidez era uma doença que geralmente se admitia não ultrapassar o período normal de nove

meses. Mas abre «Magalhães Coutinho», primeiro nas mansardas do Hospital de S. José e depois no edificio próprio da Rua 20 de Abril.

E volta a estatística a falar claro:

Logo em 1931 o movimento da consulta atinge a cifra de 5946; em 1932, a de 8183; no ano seguinte a de 7657.

Acusa idênticas cifras a estatística da Maternidade Alfredo da Costa:

Em 1933 — 12675.

Em 1934 — 17487.

Em resumo:

Em 1933 entraram 969 mulheres no serviço da Faculdade. No mesmo ano, na Maternidade Alfredo da Costa, entravam 2294. Na de Magalhães Coutinho, foram admitidas 2438 no mesmo ano. O que prefaz um total de 5701.

Se juntarmos a êste número de internadas o número de consultas, podemos afirmar que o movimento de assistência a mulheres peçadas passou de cerca de 900 a 20332.

Mas a que se deve esta concorrência às Maternidades?

Em primeiro lugar representa uma notável melhoria na educação do povo que compreendeu que a gravidez não é uma doença que termine aos nove meses, mas sim um estado que, embora fisiológico, é susceptível de acarretar graves prejuizos e aleijões para a vida futura da mulher e do filho, se não se observarem os preceitos que só nas respectivas consultas uma cuidada vigilância pode prever e evitar. Depois porque desapareceu a repugnância á hospitalização pela grande melhoria das instalações hospitalares, o que é deveràs consolador registrar.

Vem ainda a crise económica que obriga a recorrer a serviços gratuitos. Mas, sem dúvida nenhuma, êste aumento da população das Maternidades quer dizer que correspondem a uma necessidade que há muito se fazia sentir.

Longe, muito longe, contudo, está de completar-se o quadro dos organismos absolutamente indispensáveis para um regular sistema de assistência às mães.

O Govêrno actual assim muito bem o entendeu, e a prova

está na publicação recente do decreto n.º 25936 que prevê a criação de um serviço de assistência domiciliária. Prevê ainda o mesmo diploma a criação de consultas pré-natais que de há muito venho proclamando nalguns dos meus trabalhos, e particularmente no que apresentei à Sociedade das Ciências Médicas em 1927 e que intitulei: "*Assistência e Puericultura em Portugal.*"

Nele deixei traçado o esquema da organização da protecção às mães pela criação de escolas de puericultura; de um organismo central coordenador das obras oficiais e particulares, que esclareça e oriente todas as iniciativas, evitando-se duplicações de socorros e dispersão de actividades; abertura de refúgios para mães abandonadas e abrigos maternas; melhoria de assistência clínica, incluindo a domiciliária, às crianças e às mães, auxiliadas por enfermeiras-visitadoras. Já então eu proclamava a vantagem das consultas pré-natais, pelo menos em todas as sédes de concelho, consultas económicas, de fácil realização e de extraordinários resultados sociais. Em Lisboa propunha, além das existentes, duas consultas nos dois mais populosos e extremos bairros da capital — Alcantara e Xabregas — com dois postos de parturição anexos exclusivamente destinados a partos normais.

Hoje, com a extraordinária e excessiva concorrência às Maternidades, essa necessidade mais e mais se faz sentir. Assim se prestaria assistência à legião enorme de infelizes que diariamente nos assedia nas consultas para as admitirmos nas Maternidades, sem lotação que tanto comporte.

*

*

*

Duas palavras mais, indispensáveis como complemento de elucidação sobre o muito que já se tem feito no respeitante ao magno problema de que vimos tratando, e que se referem ao nosso mobiliário adoptado nas Maternidades.

Por muito tempo, no serviço de partos do Hospital de S. José, os recém-nascidos permaneciam conjuntamente com as mães na mesma cama, que não tinha mais de setenta e cinco centímetros de largura. Mais de uma criança morreu asfixiada pelo seio da mãe adormecida. Não havia espaço para colocar o

berço ao lado da cama materna ou sequer a possibilidade de o dependurar na base do mesmo leito, como é de uso em algumas Maternidades estrangeiras. Imaginei e mandei fabricar um modelo que, depois de várias tentativas de modificação, tem agora as dimensões apropriadas, tornando-o perfeito para o fim a que

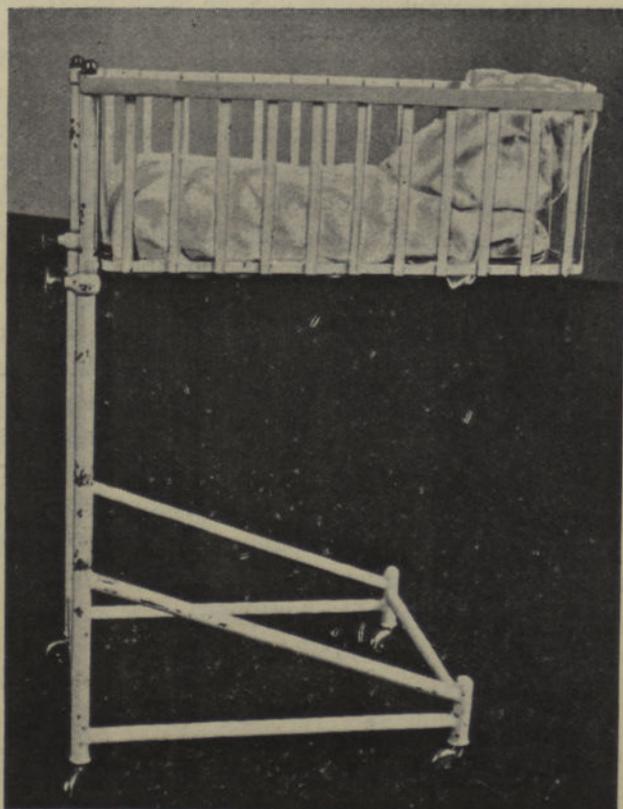


Fig. 1 — Berço modelo Dr. Costa-Sacadura

se destina (Fig. 1) e é adoptado hoje nas maternidades de Lisboa e muitas da província.

Tem a vantagem de poder aproximar-se ou afastar-se facilmente do alcance da mãe sem a obrigar a grandes movimen-

tos, e não ocupar espaço útil, por assim dizer, porque fica por cima do leito da doente (fig. 2).

*
* * *

A mosca, o terrível diptero que aos sanitaristas de todo o mundo tanto preocupa a ponto de lhes merecer monografias e

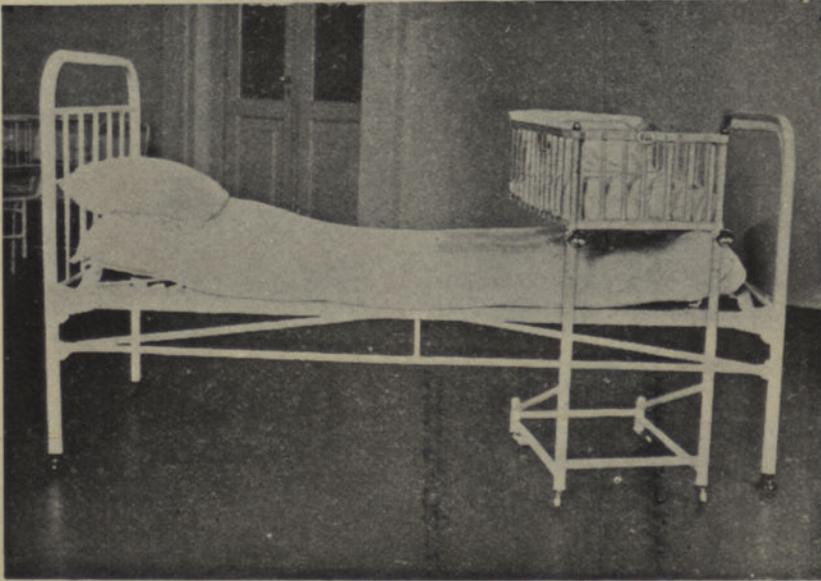


Fig. 2 — Berço modelo Dr. Costa-Sacadura em relação ao leito materno

estudos notáveis, e que só Portugal despreza, ignorando voluntariamente os meios de a combater, terrível inimigo das crianças e perigosíssimo meio de contágio, não foi esquecida. Os mosquiteiros vulgares nem sempre evitam a entrada desses antipáticos insectos. Muitas vezes o vento os desloca, quando as crianças estão nos seus berços expostas ao ar livre, resultando inútil esta rudimentar defesa. Fiz, pois, construir umas camãs apropriadas (Fig. 3) que em absoluto correspondem ao fim em vista, com suficiente altura para evitar o contacto dos animais domésticos, e fechadas de maneira a uma criança de três ou quatro anos não poder cair, mesmo que do leito se levante.

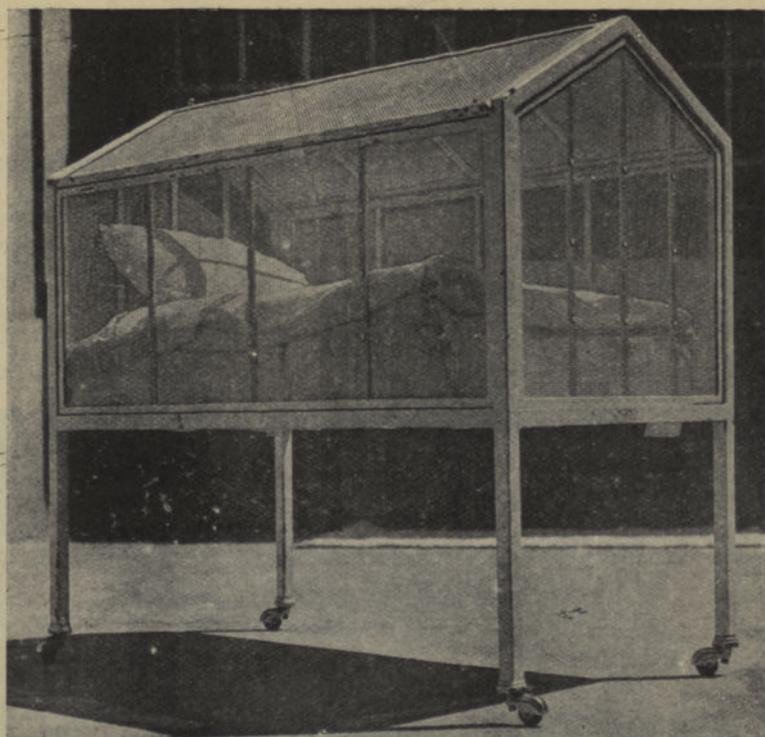


Fig. 3 — Cama abrigo contra as m^oscas

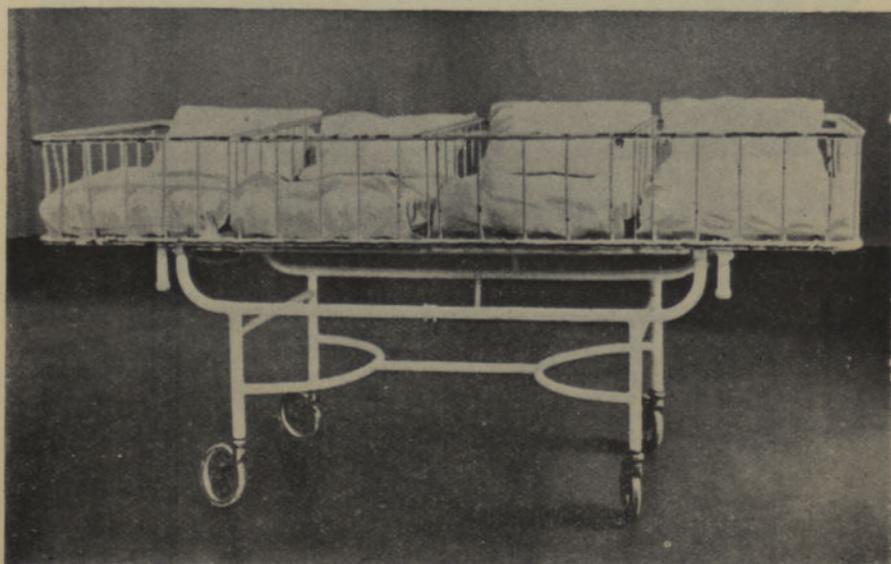


Fig. 4 — Carro para transporte das crianças da «Sala dos recém-nascidos» à «Sala das puérperas» às horas das mamadas.

*

Finalmente para transportar nas maternidades as crianças, no próprio colchão, desde a sala dos recém-nascidos até à sala das mãis, mandei construir um carrinho que acomoda, separadamente, quatro crianças de cada vez (Fig. 4).

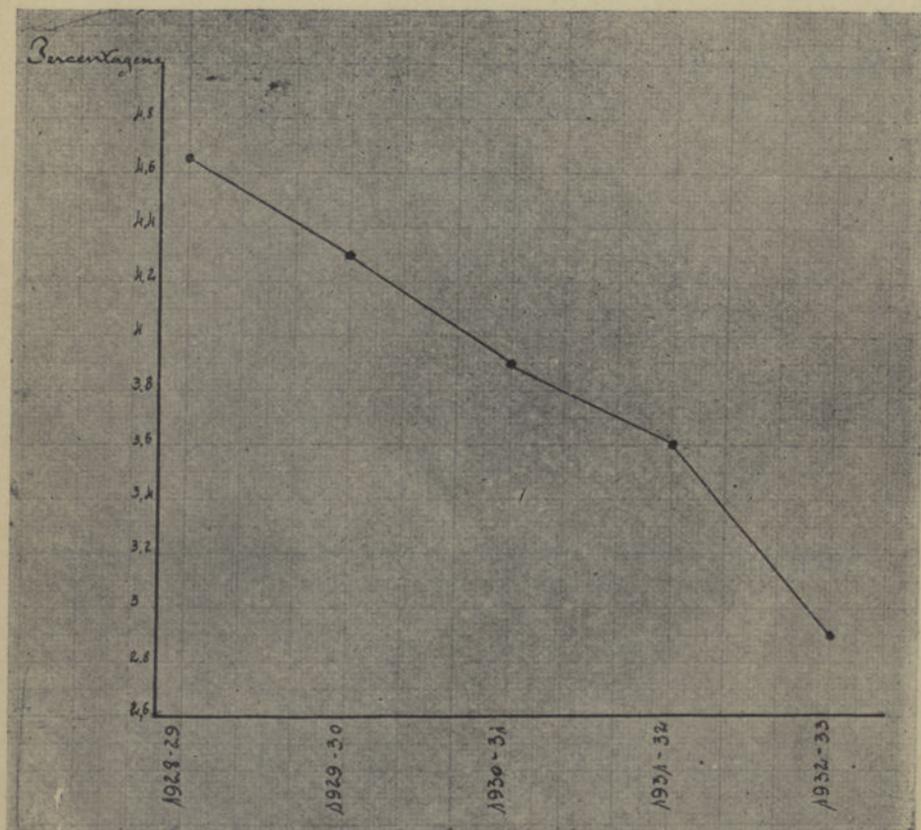
O leito da mãe, o berço do filho e o seu colchão têm marcado o mesmo número que ainda se repete numa medalha de borracha que a criança traz ao pescoço.

É a maneira de evitar troca de crianças.

Resumo do movimento da população enferma nos anos económicos de 1927-28 a 1932-33

Anos	Entraram			Média diária de entradas	Saídas				Média diária das saídas	Ficaram existindo	Dias de tratamento	Existência média diária	Doentes tratadas	Demora média	Taxa da mortalidade
	Por admissão	Por transferência	Total		Com alta	Por transferência	Falecidas	Total							
1927-28	1147	82	1229	5,05	1053	29	50	1132	4,65	97	16120	66,35	1229	13,11	4,07
1928-29	1809	49	1858	5,09	1742	44	91	1877	5,14	78	27273	74,72	1955	13,95	4,65
1929-30	1955	55	2010	5,50	1854	59	90	2003	5,48	85	26824	73,49	2088	12,85	4,31
1930-31	2269	119	2388	6,54	2123	144	97	2364	6,47	109	33130	90,76	2473	13,39	3,92
1931-32	2524	62	2586	7,06	2396	76	97	2569	7,02	126	43702	119,40	2695	16,21	3,60
1932-33	2402	36	2438	6,68	2314	55	75	2444	6,69	120	43886	120,23	2564	17,11	2,93
Total	12106	403	12509	6,04	11482	407	500	12389	5,98		190935	92,28	13004	14,68	3,84

Representação gráfica da percentagem anual da mortalidade com freqüência a doentes tratados nos anos económicos de 1928-29 a 1932-33



Número de partos em relação à idade da grávida nos anos de 1929-1933:

13 a 18 anos	153
19 a 21 anos	382
22 a 25 anos	718
26 a 30 anos	644
31 a 35 anos	326
36 a 40 anos	209
41 a 44 anos	50
45 a 47 anos	7
Total	2.489

Meses em que se deram maior número de partos por ordem decrescente:

Janeiro
Dezembro
Maio
Março
Agosto
Outubro
Fevereiro
Abril
Junho
Setembro
Julho
Novembro

Número de abortos, agrupados por idade de gravidez nos anos económicos de 1929-1933:

1 a 2 meses	—	1864	} 3.945
2 a 3 "	—	1463	
3 a 4 "	—	361	
4 a 5 "	—	160	
5 a 6 "	—	97	

Meses em que se deram os abortos em ordem decrescente:

Agosto
Julho
Junho
Maio
Abril
Março
Outubro
Setembro
Dezembro
Fevereiro
Novembro
Janeiro

Movimento da Consulta externa nos anos de 1931 a 1935

	<u>Ano 1931</u>		
1. ^a consulta	1423	} c. 2392	
C. seguintes	969		
Tratamentos			3554
Total	5 946		
	<u>Ano 1932</u>		
1. ^a consulta	1652	} c. 3064	
C. seguintes	1412		
Tratamentos			5119
Total	8183		
	<u>Ano 1933</u>		
1. ^a consulta	1195	} c. 2041	} 34.382
C. seguintes	846		
Tratamentos			5616
Total	7657		
	<u>Ano 1934</u>		
1. ^a consulta	1092	} c. 1714	
C. seguintes	622		
Tratamentos			4540
Total	6354		
	<u>Ano 1935</u>		
1. ^a consulta	960	} c. 1458	
C. seguintes	498		
Tratamentos			4784
Total	6242		



ÍNDICE

MAGALHÃES COUTINHO — <i>O sábio e o professor</i>	9
O HOMEM — <i>Um nobre character e um grande coração</i>	21
O FIM — <i>Páginas lancinantes — Homenagem tardia</i>	27
A MATERIDADE MAGALHÃES COUTINHO — <i>Das mansardas do Hospital de S. José ao edificio do antigo Hospital dos Lázaros</i>	31
A ELOQUENCIA DOS NUMEROS — <i>Nótula sôbre a assistência à mulher pejada e parturiente, em Lisboa, desde 1775 a 1934</i>	41

INDEX

DO MESMO AUTOR:

- Aplicação do Azul de metilene à semiologia.* — Tese inaugural — Lisboa, 1908.
- Higiene escolar — Educação física* — Separata do Boletim da Direcção Geral de Instrução Pública — Fas. VI-VII. Julho-Dezembro, 1905.
- Quelques considérations sur les dimensions de la tête du fœtus à terme* — Communication faite à la XIII section du XV Congrès International de Médecine à Lisbonne — Avril, 1906 (Section d'obstétrique et gynécologie).
- Des ouvrages d'hygiène scolaire parus en Portugal de Janvier 1904 à Juillet 1905* — Internationales Archiv für Schulhygiene — Leipzig, 1906.
- Breves considerações sobre a higiene das nossas escolas* — Lisboa, Agosto, 1906.
- Atitudes viciosas nas escolas — (Escrita direita e escrita inclinada)* — 1906.
- Questões de higiene escolar* — Comunicação à Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa — 1906 — Jornal da mesma Sociedade.
- A tuberculose e a Escola* — Separata do Boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos, n.º 3, 1906.
- A escrita direita e a escrita inclinada — Sua influência na função respiratória* — Relatório apresentado ao IV Congresso da Liga Nacional contra a tuberculose — Secção especial — A tuberculose e a escola — Pôrto, 1907.
- Higiene escolar* — Conferência aos professores primários de Lisboa — 1907.
- Bibliotecas escolares e doenças contagiosas* — Relatório apresentado ao IV Congresso da Liga Nacional contra a Tuberculose — Secção especial — A tuberculose e a escola — Pôrto, 1907.
- L'Hygiène scolaire en Portugal* — Memória apresentada ao II Congresso Internacional de Higiene Escolar — Londres, Agosto, 1907.
- Parecer sobre o ante-projecto do liceu da 1.ª zona escolar de Lisboa* — 1907.
- Parecer acerca do horário do liceu da 1.ª zona escolar de Lisboa em vigor no ano lectivo de 1907-1908* — Publicado em apêndice ao *Diário do Governo*, n.º 187, 12 de Maio de 1909.
- Lição de encerramento de um curso de Pedagogia e Higiene Escolar feito na Escola Normal de Lisboa no ano lectivo de 1908-1909* — *Educação Nacional*, Pôrto, n.ºs 700, 701 e 702, Fevereiro, 1910.
- A higiene dos estudantes na família* — Pelo Prof. Leo de Burgerstein, de Viena — Tradução — 1910.
- Regras de higiene para uso dos estudantes* — Pelo Prof. Leo de Burgerstein, de Viena — Tradução — 1910.

- Puericultura ante-natal* — O Século, 17 de Março de 1910.
- Questions d'enseignement au Portugal — Minerva* — Revue Internationale et Polyglotte de Documentation Educative — Belgique, n.º 2, 3^{ème} année, Aout, 1911.
- Protecção à primeira infância* — Na sessão solene da Associação Protectora da Primeira Infância, em 25 de Dezembro de 1911.
- A mortalidade infantil na Maternidade de Lisboa — O Século*, 1912.
- A idade da puberdade da mulher em Portugal — Estudo médico — Suas relações com a pedagogia* — Trabalho da Maternidade de Lisboa — Estatística de 9731 casos — apresentada à Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, em sessão de 22 de Junho de 1912.
- Subsídios para a História da hospitalização das grávidas em Portugal — O Século*, de 13 de Dezembro de 1912, e *A Capital*, de 16 de Fevereiro de 1913.
- Necessidade da cultura física* — No Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, 1913.
- Influência do estado da visão sobre o desenvolvimento intelectual e físico das crianças* — Na Sociedade de Estudos Pedagógicos, em Lisboa, em sessão de 20 de Maio de 1914.
- A natalidade na Maternidade de Santa Bárbara de 1899 a 1914.*
- Forceps e versões na Maternidade de Santa Bárbara de 1899 a 1914.*
- Quadro comparativo dos nado-vivos e nado-mortos, por sexos, na Maternidade de Santa Bárbara; de 1899 a 1914.*
- População da Maternidade de Santa Bárbara de 1899 a 1914.*
- A hygiene escolar em Portugal* — Na Atlântida, n.º 3 — Ano I — 1916.
- Colecção de Legislação sobre a Higiene Escolar e Gimnástica desde 24 de Dezembro de 1901 até 3 de Agosto de 1916* — Imprensa Nacional de Lisboa — 1916.
- Esbôço de Reforma dos Serviços de Sanidade Escolar* — No Boletim officia do Ministério de Instrução Pública — Ano I — n.º 5 — 1916.
- Enfermeiras Escolares* — Na Revista da Educação Geral e Técnica — 1901.
- Escola Profissional de Enfermagem* — Na Revista Hospitalar — Lisboa, 1922.
- O professor de Educação Física* — Na Revista de Educação Física — Lisboa, 1920.
- Rapports sur l'Hôpital St. Louis des Français* — 1916-1917-1918-1920-1921-1922-1924-1925-1926-1927-1928-1929-1930-1931-1932-1933-1934.
- Lições de Higiene professadas na Escola Normal Primária de Lisboa (Benfica)* — apresentadas para efeito de nomeação de professor efectivo e aprovadas pelo respectivo júri — 1922.
- A Despopulação em Portugal* — Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, 1923.
- Discurso no encerramento dos trabalhos escolares da Escola Profissional de Enfermagem em Julho de 1922.*
- Alocução na Sessão Solene Comemorativa do Centenário da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (1923).*
- A Despopulação em Portugal e o Abôrto Criminoso* — Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, 1923.
- Assistência Social* — Na Educação Social, n.º 1 — 1924.
- Mobiliário Escolar* — Idem, n.º 1 — 1924.

Eugénica e Puericultura — Idem, n.º 2 — 1924.

A Medicina e a Sociologia — Na Sociedade das Ciências Méd. de Lisboa, 1924.

A Sociedade das Ciências Médicas e a Ordem Militar de S. Tiago — Na Sociedade das Ciências Médicas, 1925.

Alocução na Sessão Solene Comemorativa do Centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa — 1925.

Da Saúde e Higiene do Professor — Na *Educação Social* — 1926.

Assistência e Puericultura em Portugal — Na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, 1926.

A importância social da Saúde e o casamento — Idem, 1927.

Discurso na sessão inaugural do III Congresso Nacional de Medicina — Lisboa, 1928.

O Aborto criminoso em Portugal — Na Sociedade das Ciências Médicas e na Liga Portuguesa de Profilaxia Social no Pôrto, Dezembro, 1929

A propósito de uma cesariana por eclâmpsia. (Na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, em 21 de Março de 1930). Lisboa, 1930.

Sobre medicação ocitócica (Na Faculdade de Medicina de Madrid, em Fevereiro). Lisboa, 1930.

Hôpital St. Louis des Français à Lisbonne (Détail sur son histoire depuis sa fondation). Lisboa, 1933.

Subsídios para a História do Hospital de S. Luís dos Franceses — (Publicação do Instituto Francês de Portugal), 1933.

A evolução da Obstetrícia — Lisboa, 1933.

Um possível caso de doença de Recklinghausen — Lisboa, 1933.

Bibliografia Portuguesa de Obstetrícia — Séculos XVI e XVII — Lisboa, 1933.

Bibliografia Portuguesa de Obstetrícia — Século XVIII — Lisboa 1934.

O papel social da parteira. Palestra realizada na Maternidade Dr. Alfredo da Costa em Novembro de 1933. Lisboa, 1935.

Valor morfológico da placenta. Placentas acessórias. Revisão uterina. Prova da integridade da placenta. Sep. da «Imprensa Médica», 1935.

Em colaboração:

Quadro optométrico — organizado pelos médicos Dr. Mário Moutinho, Director da Clínica Oftalmológica, e Dr. Costa-Sacadura, Inspector Geral de Sanidade Escolar — Aprovado pelo Ministério de Instrução Pública e mandado adoptar nas Escolas.

Atitudes Escolares — série de 12 quadros, premiados com medalha de ouro na Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1922, organizados por F. de Almeida Moreira, professor de ginmástica do Liceu de Vizeu, e Dr. Costa-Sacadura, Inspector Geral de Sanidade Escolar, (Medalha de ouro na Exposição de Arte na Escola — Lisboa — 1906 e Grande Prémio na Exposição Internacional do Rio de Janeiro).

Normas técnicas, higiénicas e pedagógicas a que devem obedecer os novos edifícios escolares (Imprensa Nacional, 1914).

Relatórios e trabalhos da Comissão de Sanidade Escolar nomeada por portaria de 21 de Janeiro de 1918. (Coligidos e publicados a expensas do presidente da Comissão, Costa-Sacadura).

A selecção dos alunos sob o ponto de vista fisico — Relatório ao II Congresso Pedagógico do ensino secundário oficial, realizado em Junho de 1928 em Vizeu, pelos Drs. Costa-Sacadura e Pacheco de Miranda.

A técnica de A. Brouha na reacção de Zondek-Aschheim em medicina comparada, de colaboração com Francisco M. Rosa. 1931.

Em preparação :

Subsídios para a história do serviço de partos em Santa Bárbara.



RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMERA



1329666311

Composto e Impresso na
IMPRESA MÉDICA
Calçada do Moinho de
Vento, 10 - A — Lisboa